168

JOÃO DE BARROS

GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

3.ª EDIÇÃO

Organizada por

JOSÉ PEDRO MACHADO

1957

Grammatica de João de Barros.

GRAMMATICA da lingua Portuguesa.

OLYSSIPPONE,
Apud Ludouicum Rotorium Typographum.
M. D. XL.

I

TÁBUA CRONOLÓGICA DE JOÃO DE BARROS[1]

1496 (?). — Nasce João de Barros em localidade desconhecida.

1520. — Primeira edição da Crónica do Imperador Clarimundo.

1520 ou 1521. — Casa com D. Maria de Almeida.

1522. — D. João III nomeia João de Barros governador do castelo de S. Jorge da Mina.

1525 (1-V). — Nomeação para os lugares de Tesoureiro do dinheiro *da Casa da Índia, de tesoureiro da Casa da Mina e tesoureiro-mor de Ceuta.*

1528 (31-XII). — Deixa de exercer os cargos para que fora nomeado em 1-V-1525.

1530. — Por causa da peste, retira-se de Lisboa para a sua quinta de S. Lourenço, na Ribeira de Litém.

1531. — Morre seu tio, Lourenço de Cáceres, que devia escrever a história da Índia. Essa tarefa foi, depois, confiada a João de Barros.

1532. — Publica-se o tratado Ropica Pnefma.

1533 (23-XII). — É nomeado feitor das casas da Guiné e Índias.

1535 (8-III). — Doação de duas capitanias no Brasil a João de Barros e Aires da Cunha; os privilégios da de João de Barros foram indicados em carta de 11 do mesmo mês.

---

1. — Esta tábua foi organizada por João Manuel Pacheco Machado.

A 18 de Junho, D. João III fez doação das minas de ouro e prata daquelas capitanias a João de Barros, Aires da Cunha e Fernão Álvares de Andrade.

Em Novembro parte do Tejo uma esquadra de 10 navios, com que o nosso autor «despendeo mujto de sua fazenda», que iria àquelas regiões efectivar os direitos dos donatários.

1536 (Março). — Nove desses navios atingem o Maranhão.

Esta expedição terminou em grave fracasso.

1552. — Sai a primeira das Décadas da Ásia.

1553. — Sai a segunda dessas Décadas.

1563. — Publica-se a terceira das mesmas Décadas.

1567 (12-VIII). — João de Barros renuncia ao seu cargo de Feitor das Casas da Guiné e Índias.

1570 (21-X). — Falecimento de João de Barros, «entrevado, sem falar, de ar de apoplexia».

Esta é a 3.ª edição da Gramática da Língua Portuguesa *de João de Barros.*

A 1.ª apareceu com a data de 1540 (Grammatica da lingua Portuguesa. Olyssippone. Apud Lodouicum Rotorigiũ Typographum.M. D. XL.), *de que só conheço um exemplar, o que se guarda na Biblioteca da Ajuda.*

Este encontra-se em bom estado de conservação e compreende 60 folhas de impressão, das quais 50 estão ocupadas pela Grammatica; *as restantes abragem o* Dialogo em Lovvor da Nossa Lingvagem. *Tem encadernado junto o* Diálogo da Viciosa Vergonha, *este sem frontispício, nem folha 2. Ocupa as folhas (1)-29.*

À mão escreveu-se no frontispício: Gramatica de João de Barros,

Como se verifica mais acima, a notícia de autoria falta e tal identificação só foi possível por um passo da obra (veja Anotações, *N.º 19).*

A 2.ª edição faz parte da Compilaçaõ de Várias Obras do insigne portuguez Joam de Barros, dirigidas pelo mesmo autor ao muito alto, e excellente principe D. Felipe. Impressas em Lisboa em caza de Luiz Rodriguez Livreiro d'Elrey, pelos annos de 1539, e 1540. E agora reimpressas em beneficio público pelos Monges da Real Cartucha de N. S. da Escada do Ceo. Lisboa Na Officina de Jozé da Silva Nazareth. Anno M.DCC.L XXXV. Com licença da Real Meza Censoria.

Esta 2.ª edição aparece com alguma frequência nos leilões e mereceu a Joaquim Inácio de Freitas a tarefa de conferir e confrontar miùdamente o seu texto com as primeiras edições dos opúsculos nela comprendidos.

Resultou daí a publicação da Errata para servir de appendix à

A 18 de Junho, D. João III fez doação das minas de ouro e prata daquelas capitanias a João de Barros, Aires da Cunha e Fernão Álvares de Andrade.

Em Novembro parte do Tejo uma esquadra de 10 navios, com que o nosso autor «despendeo mujto de sua fazenda», que iria àquelas regiões efectivar os direitos dos donatários.

1536 (Março).— Nove desses navios atingem o Maranhão.

Esta expedição terminou em grave fracasso.

1552.— Sai a primeira das Décadas da Ásia.

1553.— Sai a segunda dessas Décadas.

1563.— Publica-se a terceira das mesmas Décadas.

1567 (12-VIII).— João de Barros renuncia ao seu cargo de Feitor das Casas da Guiné e Índias.

1570 (21-X).— Falecimento de João de Barros, «entrevado, sem falar, de ar de apoplexia».

Esta é a 3.ª edição da Gramática da Língua Portuguesa *de João de Barros.*

A 1.ª apareceu com a data de 1540 (Grammatica da lingua Portuguesa. Olyssippone. Apud Lodouicum Rotorigiũ Typographum.M. D. XL.), *de que só conheço um exemplar, o que se guarda na Biblioteca da Ajuda.*

Este encontra-se em bom estado de conservação e compreende 60 folhas de impressão, das quais 50 estão ocupadas pela Grammatica; *as restantes abragem o* Dialogo em Lovvor da Nossa Lingvagem. *Tem encadernado junto o* Diálogo da Viciosa Vergonha, *este sem frontispício, nem folha 2. Ocupa as folhas (1)-29.*

À mão escreveu-se no frontispício: Gramatica de João de Barros,

Como se verifica mais acima, a notícia de autoria falta e tal identificação só foi possível por um passo da obra (veja Anotações, *N.º 19).*

A 2.ª edição faz parte da Compilaçaõ de Várias Obras do insigne portuguez Joam de Barros, dirigidas pelo mesmo autor ao muito alto, e excellente principe D. Felipe. Impressas em Lisboa em caza de Luiz Rodriguez Livreiro d'Elrey, pelos annos de 1539, e 1540. E agora reimpressas em beneficio público pelos Monges da Real Cartucha de N. S. da Escada do Ceo. Lisboa Na Officina de Jozé da Silva Nazareth. Anno M.DCC.L XXXV. Com licença da Real Meza Censoria.

Esta 2.ª edição aparece com alguma frequência nos leilões e mereceu a Joaquim Inácio de Freitas a tarefa de conferir e confrontar miùdamente o seu texto com as primeiras edições dos opúsculos nela comprendidos.

Resultou daí a publicação da Errata para servir de appendix à

Compilação de varias obras do insigne João de Barros, *aparecida em Coimbra, no ano de 1830.*

Ocupa ela 16 páginas, nas quais aponta aos 173 erros que descobriu na citada reimpressão.

Lamento que Joaquim Inácio de Freitas, tão escrupuloso com o texto da Compilação, *não nos deixasse irrepreensível exemplo e modelo de reedição de qualquer obra antiga (e as ocasiões não lhe faltaram), espelho do mais perfeito critério em tal matéria.*

*

Ao contrário do que afirma em certo ponto da sua Gramática, *João de Barros não «foi o primeiro que pôs a nossa linguagem em arte», mas sim o P. Fernando de Oliveira (a quem muitos chamam* Fernão de Oliveira), *que vira a sua* Grammatica da Lingoagem Portuguesa *aparecer em letra de forma no ano de 1536 (Vj. nota 19).*

João de Barros sabia certamente da existência desta obra, pois a posição que desfrutava no meio intelectual do tempo obrigava-o a estar em dia com as novidades bibliográficas; isto parece ainda mais imperioso se nos lembrarmos de que, nos fins da 4.ª década do século XVI, o movimento editorial não seria tão intenso que pudesse escapar à atenção de alguém o aparecimento de qualquer livro, sobretudo quando publicado por Germão Galharde e dedicado ao «mui manífico senhor e nobre fidalgo, o Senhor D. Fernando de Almada, filho herdeiro do mui prudente e animoso Senhor D. Antão, Capitão-Geral de Portugal».

Acentui-se ainda o decisivo facto de Fernando Oliveira ter sido professor dos filhos do próprio João de Barros, a quem aquele votava consideração, a ponto de o citar nos capítulos 35 e 47 da sua Gramática *(pp. 73 e 103 da edição de 1936).*

Não sei se este silêncio, aliado a pseudo-ignorância bibliográfica, teria qualquer causa pessoal; sei que tal caso não nos aparece único no século XVI. Assim, por exemplo, Gaspar Correia alega, como Fernão Lopes de Castanheda e também o nosso João de Barros, ter sido ele o primeiro historiador da acção dos Portugueses no Oriente, se bem que ele mesmo, como igualmente o reconheceu Aubrey Bell (A Literatura

Portuguesa, *p. 258), não se furtasse à referência de narrativas de viajantes, como Duarte Barbosa.*

Citando ou não trabalhos anteriores, o que parece importante é que entre 1536 e 1540 saíram de prelos lisboetas duas notáveis gramáticas da Língua Portuguesa, das quais apresentamos agora ao leitor a 3.ª edição da de João de Barros.

*

Para organizar esta edição utilizou-se a de 1540.

*Como as obras a publicar nesta colecção não têm objectivos científicos, mas apenas de divulgação, embora se respeite o texto original, mantenho tudo que represente informações sobre a articulação do século XVI (*sinificação, ajetivo, plurar, minimo, *etc.), vocabulário especial da mesma época* (tôdolos, ca, pera, *etc.), ou certos pormenores ortográficos indispensáveis à boa compreensão da doutrina exposta pelo autor.*

Submeti, no entanto, o texto às seguintes modificações principais:

1. — actualização da ortografia naquilo que não implique alterações fonéticas;

2. — pontuo;

3. — abro parágrafos.

A palavra (sic) *acompanha as formas que se julgou útil manter tal como nos aparecem no texto.*

GRAMÁTICA

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Em a cartinha passada[1] *demos arte pera os mininos fàcilmente aprenderem a ler, com toda a diversidade de sílabas que a natureza da nossa linguagem padece. E assim lhe apresentámos os preceitos da lei e os mandamentos da Santa Madre Igreja com o tratado da missa, em as quais cousas convém serem eles doutrinados porque, como diz S. Bernardo, não é cousa menos piadosa ensinar o ânimo com sapiência, que dar mantimento ao corpo. Fica agora darmos os preceitos da nossa Gramática, de cujo título intitulamos a cartinha, como fundamento e primeiros elementos da Gramática. É porque os mininos das escolas de ler e escrever tomarão a outra parte e não esta, por ser o primeiro leite de sua criação. Parece-nos que ficava esta sem fundamento não declarando aos que virem esta sòmente que na primeira é o princípio, onde está dedicàda ao Príncipe nosso senhor*[2].

GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

DEFINÇÃO DA GRAMÁTICA E AS PARTES DELA

Gramática é vocábulo grego. Quer dizer *ciência de letras* e, segundo a difinção que lhe os gramáticos deram, é um modo certo e justo de falar e escrever, colheito do uso e autoridade dos barões doutos. Nós podemos-lhe chamar artifício de palavras postas em seus naturais lugares pera que, mediante elas, assim na fala como na escritura, venhamos em conhicimento das tensões alheias. Porque bem assim entram as letras pela vista, como as palavras pelos ouvidos, instrumento com que o nosso entendimento recebe as mais das cousas.

E como pera o jogo de enxedrez se requerem dous reis, um de ũa cor e outro de outra e que cada um deles tenha suas peças postas em casas próprias e ordenadas, com leis do que cada uma deve fazer (segundo o ofício que lhe foi dado), assim tôdalas linguagens têm dous reis, diferentes em género e concordes em ofício: a um chamam *nome* e ao outro *verbo*.

Cada um destes reis tem sua dama: à do nome chamam *pronome* e à do verbo *avérbio*.

Particípio, artigo, conjunção, interjeição são peças e capitães principais, que debaixo da sua jurdição têm muita pionagem de dicções, com que comummente servem a estes dois poderosos reis: *nome e verbo*.

Assi que podemos daqui entender ser a nossa linguagem composta destas nove partes: *artigo*, que é próprio dos Gregos e Hebreus, *nome*, *pronome*, *verbo*, *advérbio* (sic), *particípio*, *conjunção*, *preposição*, *interjeição*, que têm os Latinos. Os quais partem a sua Gramática em quatro partes: em *Ortografia*, que trata da letra, em *prosódia*, que trata de sílaba, em *etimologia*, que trata de dicção, e em *sintaxe*, a que responde à construção, à imitação dos quais (por termos as suas partes) dividimos a nossa Gramática.

E porque a mais pequena destas partes é a lêtera donde se todas as dicções se compõem, vejamos primeiro dela e desi das outras três, não segundo convém à ordem da Gramática especulativa, mas como requer a perceitiva, usando dos termos da Gramática Latina, cujos filhos nós somos, por não degenerar dela. E também porque as ciências requerem seus próprios termos, por onde se hão-de aprender como as obras mecânicas, instrumentos com que se fazem, sem os quais nenhũa destas cousas se pode entender nem acabar.

DEFINÇÃO DAS LÊTERAS E NÚMERO DELAS

Lêtera, segundo os Gramáticos, é a mais pequena parte de qualquer dicção que se pode escrever, a que os Latinos chamaram *nota* e os Gregos *cara*[*c*]*ter*, per cuja valia e poder formamos as palavras; e a esta formação chamam eles primeiros elementos da linguagem, cabem como do ajuntamento dos quatro[3] elementos se compõem tôdalas, cousas, assim do ajuntamento das lêteras ũas com as outras por ordem natural se entende cada um em sua linguagem, pola valia que pôs no seu *A. b. c.* Donde as lêteras vieram ter estas três cousas: *nome*, *figura*, *poder*.

Nome, porque à primeira chamam *A*, à segunda *Bê*, à terceira *Cê*.

Figura, porque se escrevem desta maneira: *A*, *b*, *c*.

Poder, pola valia que cada ũa tem, porque, quando achamos esta lêtera *A*, já sabemos que tem a sua valia, e, por semelhante modo, podemos julgar das outras, que em número são vinte e três, como as dos Latinos de quem as nós recebemos.

E dizem *(sic)* a maior parte dos historiadores que Nicostrata, madre de Evandro, rei dos Latinos, foi inventor destas dezassete: *A*, *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *h*, *i*, *l*, *m*, *n*, *o*, *p*, *r*, *s*, *t*, *u*.

Depois, pelo tempo, se acrecentaram estas seis, *h*, *k*, *q*, *x*, *y*, *z*, das quais *h* têm os Latinos ser espiração e não lêtera, e *k* que serve sòmente em algumas dições Gregas como *Kyrie eleison*.

Serve-se também a nossa linguagem dalgumas lêteras à maneira dos Gregos, as quais nós té ora temos em voz, mas não em figura e são estas *á*, *é*, *ó*, de que trataremos no capítulo de *Ortografia*.

E assim temos algũas lêteras dobradas à maneira dos Hebreus: ũas pera o princípio de qualquer dição, outras para o meio e outras pera o fim. E as nossas são estas: *I*, *i*, *y* *R*, *r*, *S*, *s*, *V*, *v*.

Temos mais estas três prolações *ch*, *lh*, *nh*, as quais são próprias da nossa língua, e usamos delas em suprimento de três lêteras de que não temos figura.

E assim temos esta letra *(sic)* *ç*, que parece ser inventada pera pronunciação Hebraica ou Mourisca.

E esta figura ~ que é como aresta a que chamamos *til*, a qual os Latinos têm, e serve-nos por estas três lêteras, *m*, *ue*, quando se põem sobre esta lêtera *q*, ou sobre lêtera vogal.

Assim que podemos dizer termos vinte e três[4] lêteras em poder e trinta e quatro em figura. E onde hão-de servir e quantos acidentes têm particularmente trataremos ao diante, no título de *Ortografia*.

Isto basta agora em geral.

DA SÍLABA E SEUS ACIDENTES

Sílaba é ũa das quatro partes da nossa Gramática que corresponde à Prosódia, que quer dizer acento e canto. A qual Sílaba é ajuntamento de ũa vogal com ũa e duas e às vezes três consoantes que juntamente fazem ũa só voz. Digo uma consoante, quando se ajuntam desta maneira *li* e com duas, *vro*, e com três *vros*, que juntamente fazem este nome *livros*.

E, porque às vezes ũa só letera vogal serve de sílaba, pròpriamente a esta tal não chamaremos *sílaba*, mas àquela que for composta de vogal e consoante.

Os latinos fazem às vezes ũa só sílaba com cinco consoantes, como nestas dições, *scrobs*, *stirps*.

A nossa sílaba não passa de três, como vimos nesta dição atrás, *livros*, as quais ou servem no princípio, como *Príncipe*, ou no fim, como *Rainhas*.

Toda a sílaba tem três acidentes: *número de lêteras, espaço de tempo, acento alto* ou *baixo*.

O *número de lêteras* já o vimos pelos exemplos atrás.

Espaço de tempo, porque ũas são curtas e outras longas, como nesta dição *Bárbora*, que a primeira é longa, e as duas são breves, porque tanto tempo se gasta na primeira, como nas duas seguintes, à semelhança dos músicos, os quais tanto se detêm no ponto desta primeira figura *bar*, como nas duas derradeiras, *bo, ra*.

E os Latinos e Gregos sentem melhor o tempo das sílabas por causa do verso, do que o nós sintimos nas trovas, porque casi mais espera a nossa orelha o consoante, que a quantidade, dado que a tem.

O terceiro acidente da sílaba é *canto alto* ou *baixo*, porque, como os músicos alevantam ou abaixam a voz cantando, assim nós temos a mesma ordem, como nesta dição, *lê, mos*, que na primeira sílaba *alevantamos* e na segunda *abaixamos*. E dado que em algũa maneira nos podéramos estender com regras pera a cantidade e acento das nossas sílabas, leixamos de o fazer, porque para se bem exemplificar as suas regras houvera de ser em trovas, que têm medidas de pés [5] e cantidade de sílabas.

E porque o tempo em que se as trovas faziam e os homens não perdiam sua autoridade por isso é degradado destas nossos reinos, ficará esta matéria pera quando o uso o requerer.

DA DIÇÃO

Nesta terceira parte da nossa Gramática, que é da *dição*, a que os latinos chamam *Etimologia*, que quer dizer «nacimento da dição», se quiséssemos buscar o fundamento e raiz donde vieram os nossos vocábulos seria ir buscar as fontes do Nilo.

E pois Isidoro nas suas *Etimologias* a não pôde achar a muitas cousas, menos a daremos aos nossos vocábulos.

Basta saber que temos latinos, arávigos e outros de diversas nações que conquistámos e com quem tivemos comércios, assi como eles têm outros de nós. Ao presente, leixadas tôdalas curiosidades e questões sem fruto, digamos do *nome* e das suas espécias, sem tratarmos da etimologia dos vocábulos.

DO NOME E DAS SUAS ESPÉCIES

Nome, segundo a difinção dos gramáticos, é aquele que se declina per casos sem tempo, sinificando sempre algũa cousa que tenha corpo, ou sem corpo.

Que tenha corpo, como *homem, pau, pedra*.

Sem corpo: *gramática, ciência, doutrina*.

E cada um dos nomes tem estes acidentes: *qualidade, espécia, figura, género, número, declinação* per casos, aos quais acidentes vejamos particularmente.

DO NOME PRÓPRIO E COMUM

Tôdolos nomes hão de ter ũa de duas calidades: própria ou comum.

Qualidade em o nome é ũa diferença pela qual conhecemos um do outro.

Nome próprio é aquele que se não pode atribuir a mais que a ũa só cousa, como este nome *Lisboa*, por ser próprio desta cidade e não convém a *Roma*, nem o de *César* a *Cipião;* pero se dissermos *cidade*, que é geral nome a todas, então será *comum*. E por este nome *homem*, assim entendo *César* e *Cipião*, como todos os outros homens.

Assi que com razão diremos *nome próprio* ser aquele per que entendemos ũa só cousa, e *comum* pelo qual entendemos muitas daquele género.

E por não ficar confusão em este *nome próprio*, pois í há muitos

homens que têm um[6] mesmo nome, direi a maneira que as gentes tiveram entre si para se não confundirem seus nomes, tomando apelidos e alcunhas por esta maneira:

Os nobres buscaram um termo que fosse sinal de nobreza, que os apartasse dos plebeus, como acerca de nós *Dom*, que vem deste nome *dominus*, que quer dizer «Senhor». Os Franceses tomaram *Monseor*, os Italianos *Misser*, os Aragoeses *Mossem*. E assim muitas outras nações tomaram um termo que denotasse honra, a que os Latinos chamam *Prenome*, que quer dizer «ante do nome», o qual termo eles denotavam às vezes por uma só lêtera grande, posta antre dous pontos, desta maneira: *.P.* por *Publius*, e se punham outra diante desta, entendiam per ela o próprio nome; e per a terceira denotava a linhagem ou família donde vinha; e per a quarta denotava o ofício ou alcunha que lhe era posta acaso, como podemos ver nestas quatro denotações: *Publ. Scip. Corne. Afric.*, pelas quais entendemos *Públio, Cipião, Cornélio, Africano.*

Per semelhante modo, quando digo *Dom*, entendo o prenome e por *Vasco* o nome, e por *Gama* o conhome, a que nós chamamos *apelido*, e por *Almirante* anhome, per que entendemos *alcunha*, a qual muitas vezes se põe por razão de ofício, ou por algum grande feito, como *Africano*, que, por razão de conquistar África, foi posto a Cipião.

DO NOME SUSTANTIVO E AJETIVO

Será também calidade em o nome a distinção per que apartamos o sustantivo do ajetivo.

Nome sustantivo chamamos àquele que per si pode estar e não recebe esta palavra *cousa*.

Nome ajetivo ao que não tem ser per si, mas que está encostado ao sustantivo e pode receber em si esta palavra *cousa*, como quando digo; *Oh! que fermoso cavalo! Que bravo touro!*

Este nome *fermoso* e *bravo* são ajetivos, porque não podemos dizer *fermoso* e *bravo* sem lhe darmos nome sustantivo a que se encostem. E diremos *cousa fermosa, cousa brava*, por serem sustantivos que não recebem em si outros.

DO NOME RELATIVO E ANTECEDENTE

Pode ser também calidade em o nome aquilo por que o relativo se aparta do antecedente.

E chamamos *relativo* àquela parte que faz lembrança[7] de algum nome que fica atrás. E este tal se chama *antecedente*, per semelhante exemplo: *Os homens que amam a verdade folgam de a tratar em seus negócios*. Os *homens* estão aqui por antecedente deste *que, o qual* é relativo dos *homens* por fazer deles lembrança e relação. E assi *a verdade* também é antecedente [8] deste relativo *a*, que faz dela relação, porque, em dizer de *a tratar*, digo *de tratar a dita verdade*.

E chamamos *antecedente* por causa do *relativo* e o *relativo* por causa do *antecedente*, como se chama pai por causa do filho e filho por causa do Pai, pero havemos de consirar que a uns relativos chamamos de *sustância*, por fazerem lembrança do nome sustantivo, e a outros relativos *de acidente*, por relatarem nome ajetivo.

Os de sustância são: *que, o qual*, como quando digo: *eu li o livro que me tu mandaste, o qual entendi muito bem.*

Aqui, neste exemplo, vemos estes dous[9] relativos, *que e o qual*, ambos fazerem menção do *livro*, que é antecedente sustantivo.

Os relativos de acidente são *tal, qual, tanto, quanto, tamanho, camanho*, os quais fazem relação de nome ajetivo.

E destes, a uns chamam *relativos de calidade*, a outros *de quantidade apartada*, e a outros *de quantidade contínua*.

Os *de calidade* são: *tal, qual.*

Os *de quantidade contínua* são: *tamanho, camanho.*

E por que se milhor se entendam poeremos o seguinte exemplo: *Eu te mando o livro tal, qual mo tu mandaste*, que dou a entender neste relativo *qual* que assim torno enviar o livro limpo e são, da maneira que me foi enviado, porque correspondeu *qual* ao *tal*, que é relativo do *livro*, e não responde ao ser e sustância dele, ca se fizera relação da sustância, posera-lhe este *que* ou o *qual*, relativos da sustância, como vimos.

E quando disseres: *Eu te mando tanto dinheiro, quanto me tu mandaste*, será este *quanto* relativo de quantidade apartada, porque a moeda

e outras cousas que se contam e numeram podem-se apartar e ajuntar. E se dissera: *Eu te mando o livro tamanho, camanho mo tu mandaste*, este *camanho* é *relativo de quantidade contínua*, que trata da grandeza e não do número da cousa.

E adiante poremos as declinações destes relativos com as dos pronomes.

DA ESPÉCIA DO NOME

Tem o nome outro acidente a que os Gramáticos chamam *espécia*, a qual é ũa divisão, per que apartamos o nome dirivado do primitivo ou primeiro gerado. *Primitivo nome* chamamos àquele que foi primeiro, sem haver i outro donde nacesse ou se derivasse, assim como *cidade, corte, casa.*

Nome dirivado se chama *cidadão, cortesão, caseiro,* os quais se derivam dos três acima.

E destes nomes dirivados temos oito diferenças: *patronímicos, possessivos, diminutivos, aumentativos, comparativos, denominativos, verbais, averbiais.*

DO NOME PATRONÍMICO

Patronímico nome é aquele que significa «filho, neto, ou descendente» daquele que tem o nome donde o nós formámos e derivámos, como João *Fernandes*,[10] filho de *Fernando*, António *Gonçalves*, filho de *Gonçalo*, Diogo *Nunes*,[11] filho de *Nuno*.

Outros muitos tem a nossa linguagem, a que nós chamamos *sobrenome*, os quais se podem conhecer pelo exemplo destes.

DO NOME POSSESSIVO

Chamamos *nome possessivo* aquele que se nomeia do possedor da cousa, como *doutrina*[12] *cristã*, de *Cristo*, *opinião luterana*, de *Lutero*, e destes nomes é nossa linguagem prove.

E, porém, temos outros semelhantes a estes a que os gramáticos

chamam *gentílicos*, por serem da gente da província ou lugar de que se nomeiam, dos quais nomes temos grande cópia, como *algaravio*, ao homem do Algarve, *Beirão*, da Beira, *Coimbrão*, de Coimbra, *Sevilhano*, de Sevilha, etc.

DO NOME DIMINUTIVO

Nome diminutivo é aquele que tem algũa diminuição de nome principal donde se derivou, como de *homem, homenzinho;* de *mulher, mulherzinha;* de *moço, mocinho;* de *criança, criancinha.*

E outros muitos que se formam e acabam em diferentes terminações, mais por vontade do povo que por regra de boa Gramática.

DO NOME AUMENTATIVO

Esta maneira de *nomes aumentativos* é contrária à de cima, porque ũa diminui a cousa e outra acrecenta.

Destes nomes Gregos e Latinos não tratam em suas Gramáticas por os não terem e casi todos se terminam em *am* e *az*, como *mulherão, cavalão, velhacaz, ladrabaz*, e outros que sempre são ditos em desprezo e abatimento da pessoa ou cousa a que os atribuímos.

DO NOME COMPARATIVO

Comparativo nome é aquele que significa tanto como o seu positivo, com este avérbio *mais*.

E por o *positivo* entendemos o outro nome donde ele nace.

E antre nós e os Latinos há esta diferença: eles fazem comparativos de tôdolos seus nomes ajetivos que podem receber maior ou menor sinificação, e nós não temos mais comparativos que estes: *maior* (que quer dizer *mais grande*), *menor* (por *mais pequeno*), *milhor* (por *mais bom*) e *pior* (por *mais mau*).

Peró tôdolos outros comparativos que eles formam suprimos nós

com este avérbio *mais*, que acrecenta a cousa a que o ajuntamos, per semelhante exemplo: *Heitor foi esforçado cavaleiro.* Este nome *esforçado* é ajetivo que se ajuntou ao nome sustantivo *Heitor;* o qual ajetivo lhe dá algũa mais calidade da que tinha, ca per ele entendemos o esforço de *Heitor.* E a este nome ajetivo chamam os Latinos (como já disse) *positivo* em respeito do comparativo.

Quando vem ao segundo grau *comparativo,* dizemos: *Heitor foi milhor cavaleiro que Aquiles,* ou diremos: *foi mais esforçado que Aquiles,* porque *milhor* e *mais,* nesta ordem de comparação, é ũa mesma cousa.

E pera falarmos pelo *modo superlativo,* que é o mais alto grau de priminência e ventagem que se pode dar a algũa cousa, ajuntámos esta parte *mui* ou *muito* ao comparativo e dizemos: *Heitor foi muito milhor cavaleiro que Aquiles.* E assi fica *Heitor* louvado de cavaleiro em grau superlativo.

Verdade é que [em] alguns nomes que recebemos do Latim, vai a sinificação superlativa já formada, assim como *doutíssimo, sapientíssimo* e outros que o uso nos fez próprios.

DOS NOMES VERBAIS

Chamamos *nomes verbais* tôdolos que se derivam de algum verbo, como de *amar, amor;* de *suspirar, suspiro;* de *chorar, choro.*

Podemos também dizer serem *nomes verbais* tôdolos infinitivos do presente tempo, poendo-lhe seu artigo com que fica nome. E por este modo suprimos muitos nomes que desfalecem em nossa linguagem e a latina tem, o qual modo também os Latinos usaram, como quando disse Pérsio: «Depois que olhei[13] o nosso triste viver», como se dissera: «a nossa triste vida».

DOS NOMES PARTICIPIAIS

Participial nome se chama aquele que vem de algum particípio, como de *amado, amador;* de *douto, doutor,* e outros que o uso nos ensina[14]. Estes bastem pera exemplo deles.

DOS NOMES AVERBIAIS

Os *nomes averbiais* se derivam dos avérbios, dos quais a nossa linguagem tem mui poucos e sòmente ponho estes, por exemplo: *soberano* de *sobre; avantage* de *àvante; forasteiro* de *fora; traseiro* de *trás.*

DAS FIGURAS DO NOME

Duas figuras tem o nome: à ũa chamam *simples* e à outra *composta.*

Nome simples é aquele, as partes do qual estremadas ũa da outra, não sinificam cousa algũa, como este nome *justo,* o qual partido em estas duas partes, *jus, to,* em nossa língua não entendemos per elas cousa algũa.

Nome composto tem o contrário deste, porque, partido em duas partes, sempre per ũa delas entendemos cousa algũa, como *guarda-porta,* que é composto deste verbo *guardar* e deste nome *porta.*

Em esta maneira de compoer ũa parte com outra têm os Gregos grã facilidade e é a eles tão comum e fácil, que às vezes compõe ũa dição de quatro sinificados com que fazem a sua língua muito elegante.

Os Latinos também fazem suas composições, mas não passa de três partes.

Nós fazemos a nossa composição de duas e, compondo um nome com outro, dizemos *redefole,* de *rede* e *fole; arquibanco,* de *arca* e *banco.*

Compondo verbo e nome dizemos *torcicolo,* de *torcer* e *colo.*

Compoendo um verbo com outro, dizemos *mordefuge,* de *morder* e *fugir.*

Compoendo verbo com avérbio, dizemos *puxavante,* de *puxar* e *avante.*

Compoendo nome com preposição, dizemos *traspé,* de *trás* e *pé.*

E per esta maneira fazemos nossas composições. Estas bastem por exemplo.

DO GÉNERO DO NOME

Género em o nome é ũa distinção per que conhecemos o macho da fêmea e o neturo de ambos. Os Latinos conhecem o género dos seus nomes, uns pela sinificação, outros pela terminação, dos quais fazem

estes sete géneros: *masculino, feminino, neutro, comum a dois, comum a três, duvidoso e confuso.*

Os Gregos, dado que tenham estas diferenças de género, conhecem-no per artigos.

Os Hebreus per artigos e terminação.

Nós, não sòmente conhecemos o nosso género per significação como os Latinos, mas per artigos, como os Gregos, as regras do qual são as seguintes:

Todo nome que por sexo é conhecido, por ele será macho ou fêmea, como *homem* e *mulher.*

Todo nome que convém a homem e a mulher será comum a dois, como *inventor, taful.*

Estes ajetivos, *forte, triste, alegre,* e outros semelhantes, serão comuns a três, porque dizemos *o homem forte, a mulher alegre, o pecar triste.*

Todo nome de algũa lêtera do nosso *a. b. c.* será neutro e os nomes verbais que se fazem do infinitivo do presente tempo, como *o querer, o amar, o ler,* e este nome *al,* que é relativo.

Todo nome que se não conhece por significação (*sic*) e não entra em algũa destas regras, per este artigo *o* será masculino, e per este *a* será feminino, assi como: *o céu é habitação dos anjos e a terra morada dos homens.*

DO NÚMERO QUE TEM O NOME

Número em o nome é aquela distinção per que apartamos um de muitos e ao número de um chamam os gramáticos *singular,* e ao de muitos *plurar;* e falando pelo primeiro diremos: *o homem verdadeiro tem pouco do seu.*

E se disser: *os homens burlões têm pouca vergonha,* falo pelo número plurar, porque são muitos.

DOS NOMES IRREGULARES

Desta regra acima, em que disse os nomes terem dous números, *singular e plurar,* se tiram os nomes irregulares, porque há i uns, que

têm sòmente singular e não plurar e outros ao contrário, dos quais poemos estas regras.

Todo nome próprio tem singular e não plurar, assi como: *Cipião, Lisboa,* etc.

Tiram-se desta regra alguns nomes próprios que se declinam pelo plurar e não têm singular, como *Torres Vedras, Torres Novas, As Pias, Alhos Vedros, Alfarelos* e outros desta calidade.

Não têm plurar os quatros elementos. Verdade é que bem posso dizer: *eu andei muitas terras e nunca vi tão boa fruta, como a do termo de Lisboa.*

Aqui, neste modo e em outros, não tomamos as terras per o elemento da terra, mas per a diversidade das províncias dela.

Dizemos também per esta maneira: *as águas dantre Douro e Minho são mui delgadas e os ares de lá são mui sadios e é terra tão povoada que dizem haver nela mais de setenta mil fogos.* E neste exemplo tomamos *as águas* como partes do todo e os *fogos* per os *moradores.*

Os ventos principais com tôdolos rumos e partidas em que os marinheiros os partem, quando falamos por cada um deles, têm singular e não plurar.

As cousas que têm medida e peso não têm plurar, como *azeite, vinho, vinagre, arrobe, mosto, mel, leite, ouro, prata, estanho, chumbo, cobre ferro, aço, sal, salitre, enxofre,* etc.; e as sementes *(trigo, cevada, centeio* [15], etc.) não têm plurar.

A maior parte da especeria (como *pimenta, cravo, canela,* etc.) não tem plurar.

Destoutras espécias e cheiros, como *açafrão, coentro, hortelã, incenso, benjoim,* etc., não têm plurar.

Sol, lũa, glória, fama, memória não têm plurar. E quem algum nome destes levar ao plurar que a orelha possa sofrer, não incorrerá[16] em pecado mortal, dado que em rigor de bõa linguagem são mais próprios do singular que do plurar.

Os que têm plurar e não singular são estes e outros semelhantes: *favas, grãos, lentilhas, tremoços, ervilhas, cominhos, migas, papas, sêmeas, farelos.* E das que usamos pera serviço da pessoa e casa, *andes, andilhas, calças, ceroulas, mantéis*[17], *alforges, grelhas, tenazes, tesouras,* etc.

Das partes do corpo humano, estas não têm singular: *bofes, páreas de mulher*. E assi tôdolos números que contamos sobre um, como, *dois, três, quatro*, etc.

Outros muitos nomes temos irregulares os quais leixo; estes bastem pera exemplo.

DOS CASOS DO NOME

Casos são os termos per onde os nomes, pronomes e participios podem andar, os quais termos, dado que não mudem a sustância do nome, governam a ordem da oração, mediante o verbo. E porque (como já disse) por sermos filhos da Língua Latina, temos tanta conformidade com ela que convém usarmos dos seus termos, principalmente em cousas que têm seus próprios nomes, dos quais não devemos fugir.

Chamam os Latinos ao primeiro caso *Nominativo*, por ser o primeiro que *nomeia* a cousa e nele está a cousa que é ou a pessoa que faz. Por semelhante exemplo: *a cobiça é raiz de tôdolos males*. Esta *cobiça* em ser *raiz* fica em o caso nominativo.

Quem faz a liberalidade faz os príncipes amados. E por esta *liberalidade* ser autor desta obra, está em o caso nominativo pela segunda parte da regra.

Ao segundo caso chamam *Genitivo* e dizem alguns latinos que lhe convém este nome por gerar os outros casos. E outros lhe chamam *caso possessivo* e *interrogativo* por nele estar o senhor da cousa, como se preguntassem: — *De quem é esta arte de Gramática?* Pode-se responder: — *Do Príncipe nosso senhor*.

Em o terceiro caso, a que chamam *Dativo*, pomos a pessoa em cujo proveito ou dano é dada ou feita a cousa. Por este exemplo: *Em aprender fazes a ti boa obra e ao mestre dás contentamento*.

Em o quarto caso, a que chamam *Acusativo*, se põe a cousa feita, ou amada. Exemplo: *Os homens bons amam a virtude*. Esta *virtude* em que obram os homens fica em acusativo.

Em o quinto caso, por nome *Vocativo*, está a pessoa que chamamos, o qual se rege destas interjeições, *ó!, ou!, olá!, ah vós!* e outras que se verão em seu lugar. E por este modo dizemos: *Oh! piedoso Deus! lembra-te de mim!*

Do sexto caso, a que chamam *Ablativo*, se usa tirando ou apartando a cousa dalgum lugar. Per este exemplo: *Eu tiro muita doutrina dos livros*. E se disser: *Eu tiro muita doutrina dos livros com meu trabalho*, fica este nome *trabalho* em outro caso sétimo,[18] a que os Latinos chamam *efectivo*. Este caso se rege desta proposição *com* e nele está o instrumento com que obramos algũa cousa per o exemplo de cima.

DOS ARTIGOS

Artigo é hũa das partes da oração, a qual, como já dissemos, não têm os Latinos. E vem este nome *artigo* de *articulus*, dição latina, derivada de *Arthon*, grega, que quer dizer «juntura de nervos», a que nós pròpriamente chamamos *artelho*. E bem como da liança e ligadura dos nervos se sustém o corpo, assim do ajuntamento do artigo aos casos do nome se compõe a oração, per semelhante exemplo: *Dos homens é obrar virtude e das aves avoar*. Peró, tirando aos homens este artigo *dos* e às aves *das*, diremos: *homens é obrar virtude e aves avoar*, que não pode ser mais confusa linguagem.

Per onde claramente vemos que, pera o entendimento ficar satisfeito, é necessário artigo masculino ao nome masculino e artigo feminino ao feminino, porque não diremos: *das homens é obrar virtude e dos aves avoar*.

E pois já sabemos que cousa é artigo, vejamos as suas declinações que são duas: ũa dos masculinos e neutros, e outras dos femininos.

DECLINAÇÕES DOS ARTIGOS, OS QUAIS TAMBÉM SERVEM DE RELATIVOS

	Masculino			*Feminino*	
	Sing.	Pl.		Sing.	Pl.
Nominativo	o	os	*Nominativo*	a	as
Genitivo	do	dos	*Genitivo*	da	das
Dativo	ao	aos	*Dativo*	à	às
Acusativo	o	os	*Acusativo*	a	as
Vocativo	oh!	oh!	*Vocativo*	oh!	oh!
Ablativo	do	das	*Ablativo*	da	das

DAS DECLINAÇÕES DO NOME

Como em o nome e verbo está a força de toda a linguagem per o real poderio que ambos nela têm (como já dissemos), assim em declinar um e conjugar o outro está o mais sustancial e dificultoso de toda a gramática. Esta dificuldade mais é entre os Latinos e Gregos pola variação dos casos, que acerca de nós e dos Hebreus, porque toda a sua e nossa variação é de singular a plurar.

Os Latinos têm cinco declinações, os Gregos têm outras cinco simples, que na quinta formam outras a que chamam *contratas*.

Os Hebreus têm duas, ũa dos nomes masculinos e outra dos femininos.

A nossa linguagem declina-se em outras duas a ũa podemos chamar *vogal*, por ser dos nomes que acabam nas vogais; e a outra *consoante*, por acabarem os nomes que per ela declinamos nestas cinco consoantes, *l, m, r, s, z*.

Não falo em nomes estrangeiros que se terminam em outras letras como *Isac, Jacob*.

Declinação acerca da nossa linguagem quer dizer «variação», porque, quando variamos o nome de um caso ao outro em seu artigo, então a declinamos, como se pode ver nestas duas declinações:

PRIMEIRA DECLINAÇÃO

A. E. I. O. U.

Singular		Plurar	
Nominativo	a rainha	*Nominativo*	as rainhas
Genitivo	da rainha	*Genitivo*	das rainhas
Dativo	à rainha	*Dativo*	às rainhas
Acusativo	a rainha	*Acusativo*	as rainhas
Vocativo	oh! rainha!	*Vocativo*	oh! rainhas!
Ablativo	da rainha	*Ablativo*	das rainhas

SEGUNDA DECLINAÇÃO

L. M. R. S. Z.

Singular		Plurar	
Ablativo	do cardeal	*Nominativo*	os cardeais
Nominativo	o cardeal	*Genitivo*	dos cardeais
Genitivo	do cardeal	*Dativo*	aos cardeais
Dativo	ao cardeal	*Acusativo*	os cardeais
Acusativo	o cardeal	*Vocativo*	oh! cardeais!
Vocativo	oh! cardeal!	*Ablativo*	dos cardeais

Muitas vezes em o primeiro caso não poemos artigo, porque a ordem da construição o declara, quando a pessoa é autor da cousa, do qual modo também usam os Hebreus.

Temos mais estas regras pera os artigos: todo nome próprio se rege sem artigo e o caso genitivo muitas vezes se rege desta preposição *de*, por semelhante exemplo: *João de Barros foi o primeiro autor que pôs a nossa linguagem em arte*[10] *e a memória de António, seu filho, que a levou ao príncipe nosso senhor, não será esquecida.* Aqui está o nome de *João de Barros* sem artigo e o de *António* regido da preposição *de*.

DA FORMAÇÃO DOS NOMES EM O PLURAR

A formação dos nomes no plurar da *primeira declinação* é cousa mui fácil, ca não tem mais que acrescentar-lhe esta lêtera *s*, como ora vimos em o nome *Rainha* que declinámos. E per semelhante modo se pode fazer em os outros nomes desta primeira declinação.

Tiram-se desta regra os nomes que acabam em *ai*, como *pay, contray*, os quais, levados ao plurar, dizemos *payes, contrayes*, acrescentando-lhe esta sílaba *es*.

Os nomes da *segundo declinação* são mais dificultosos de formar que os da primeira, porque leixam lêteras e tomam lêteras por esta maneira: os que se acabam em *-al, -el, -ol, -ul*, formam-se perdendo a

lêtera *l* e tomando esta sílaba *-es*, e dizemos *cardeal, cardeaes; papel, papées; forol, foróes; taful, tafues.*

Em esta regra não entram os nomes de ũa só sílaba, como *sal, mel, sol, sul,* porque são irregulares e não têm plurar.

Mal e *cal,* de moinho, parece que os houvemos de Castela, porque os formamos acrescentando-lhe *-es* e dizemos *males, cales.*

Os nomes que se acabem em *-il,* em lugar do *l,* que lhe tiramos, se acrescenta *-is* e dizemos *ceitil, ceitijs; fonil, fonijs.*

Os mais dos nomes que se deviam acabar em *-am,* se escrevem deste modo: *razão, razões.*

E se o uso não fosse em contrário, que tem grande força acerca das cousas, não me pareceria mal desterrarmos de nós esta prolação e ortografia galega, porque, a meu ver, quando quiserem guardar a verdadeira ortografia destas dições, se deve dizer *razam* e no plurar *razões,* ca este *m* final nosso tem ali o ofício do *mem cerrado* dos Hebreus, que é ũa das lêteras que eles chamam dos beiços, a qual lhos faz fechar quando acabam nela, de maneira que se vai fazendo aquela variação ocando-se a voz.

E este é um modo de afrautar como se frautam os instrumentos da música. E então os que pouco sentem querem remediar o seu desfalecimento escrevendo agalegadamente, poendo sempre *o* final em tôdalas dições que acabam em *-am.* E se a regra deles fosse verdadeira, em tôdolos verbos que na terceira pessoa do número plurar acabam nesta sílaba *-am,* o deviam usar, e assim em outras muitas dições como *pam, cam.* Isto não guardam eles pois vemos que na formação do plurar dizem *cães, pães,* porque aqui vêm eles muito ao olho seu erro, porque não podem dizer *pãos* e *cãos.* Assim que a verdadeira formação destes nomes terminados em *ão,* quando vier ao plurar, diremos *formações,* convertendo o *-am* final em *õ,* escrito a este modo e acrecentando-lhe *-es.* E quando escrevemos estes nomes, *maçã, a, aldeã, a,* e os levarmos ao plurar, diremos *maçãas, aldeãas,* acrecentando-lhe esta sílaba *-as,* porque estas terminações *-ã, -ẽ, -i, -o, ũ,* a que podemos dizer reflexas em si, têm diferença destas *-am, -em, -im, -om, -um,* ca têm diferentes ofícios: um, servem por si em semelhantes dições, como pus enxemplo, e outro servem por estoutras, *-am, -em, -im, -om, -um.*

Os nomes que se acabam nestas terminações *-am, -em, -im, -om, -um,*

se formam acrecentando-lhe, *-es, -is, -os, -us,* e *-o, -m,* final poemos em cima da vogal precedente e fica reflexa e dizemos *bem, bẽes; pentem, pentẽes; beliguim, beliguĩis; cetim, cetĩis; bom, bõos; tom, tõos; atum, atũus; ipretum, ipretuũs.*

E porque em tôdalas gramáticas não pode haver regras tão gerais que não haja í algumas eceições, quando se acharem algumas destas regras das formações, a novidade da obra o pode desculpar e no título da *Ortografia* diremos algũa cousa do que a elas toca.

Os nomes que se acabam em *r, s, z,* se formam acrecentando-lhe esta dição *-es,* como *pomar, pomares; deus, deuses; paz, pazes,* etc.

DO PRONOME E

SEUS ACIDENTES

Pronome é ũa parte da oração que se põe[21] em lugar do próprio nome e por isso dissemos que era conjunta a ele per matrimónio e daqui tomou o nome. Exemplo: *Eu escrevo esta Gramática pera ti.*

Esta parte *eu* se chama *pronome,* a qual basta pera se entender o que disse, sem acrecentar o meu próprio nome, *João de Barros,* em cujo lugar serve. *Esta* também é pronome da Gramática, *ti* está em lugar de *António,* como se dissesse: *Eu, João de Barros, escrevo Gramática pera ti, António.*[22]

E tirando cada nome destes o seu pronome, dizendo: *João de Barros escrevo Gramática pera António,* fica esta linguagem imperfeita.

Assi que podemos dizer ser inventada esta parte da oração pera boa ordem e perfeito entendimento da linguagem, a qual tem estes seis acidentes: *espécia, género, número, figura, pessoa* e *declinação per casos.*

DA ESPÉCIA

Como em o nome vimos que tinha duas espécias, *primitiva* e *derivada,* assi temos *pronomes primitivos* e *derivados.*

Os *primitivos* ou *primeiros* são este seis: *eu, tu, si, este, esse, ele.* Os derivados são cinco: *meu, teu, seu, nosso, vosso.*

Chama-se *derivados* porque se derivam dos primeiros, em o caso genitivo, onde diz *de mi*, se deriva *meu*; e de *ti*, *teu*; e de *si*, *seu*. E no plurar *nosso*, *vosso*.

Eu, *nós*, *tu*, *vós*, *este*, *estes* são *demonstrativos*, porque quase demonstram a cousa, per semelhante exemplo: *Este livro é do príncipe Nosso Senhor*.

Ele, *esse*, com seus plurales, chamam[-se] *relativos*, por fazerem relação e lembrança da cousa dita, posto que o seu principal ofício seja *demonstrativo*.

DA FIGURA

Duas figuras tem o pronome: *simples* e *composta*.

Figura simples é: *eu*, *tu*, *este*, *esse*. *Composta* chamamos: *eu mesmo*, *tu mesmo*, *aqueste*, *aquesse*, etc.

Esta composição destas duas partes, *eu mesmo*, não faz mais que acrescentar ũa eficácia e veemência ao pronome, a que os Gregos chamam *Emphasim*, porque maior eficácia tem dizer *eu mesmo escrevi esta arte*, que *eu escrevi esta arte*.

E per esta mesma figura dizemos, *nós outros*, e *outras*, e outras composições a este modo.

DO GÉNERO, PESSOA E NÚMERO

Quatro géneros tem o pronome. s. *este*, que é masculino, *esta*, feminino, *isto* que é neutro. *Eu*, *tu*, *de si*, comum de dous.

As pessoas são três: *eu*, a primeira, que fala de si mesmo; *tu*, a segunda, à qual fala a primeira; *ele*, a terceira, da qual a primeira fala, como se dissesse: *Eu trabalho para aproveitar os moços, e tu folgas com isto, e os pecos zombarão.*

Dous números tem o pronome, *singular* e *plurar*. Singular como quando digo: *Eu confesso a Cristo;* e per plurar: *e nós que o confessámos guardamos mal sua doutrina por nossas culpas.*

DOS CASOS DA PRIMEIRA DECLINAÇÃO

	Primeira Pessoa			*Segunda Pessoa*			*Terceira Pessoa*	
	Sing.	Plu.		Sing.	Plu.		Sing.	Plu.
Nom.	eu	nós	*Nom.*	tu	vós	*Nom.*	(carece)	
Gen.	de mi	de nós	*Gen.*	de ti	de vós	*Gen.*	de si	
Dat.	a mi	a nós	*Dat.*	a ti	a vós	*Dat.*	a si	
Acus.	me	nós	*Acus.*	te	vós	*Acus.*	se	
Voc.	ó eu	ó nós	*Voc.*	ó tu	ó vós	*Voc.*	(carece)	
Abl.	de mi	de nós	*Abl.*	de ti	de vós	*Abl.*	de si	

Os casos destas declinações variam sua senificação pelas preposições *de* e *à*, as quais servem em lugar de artigo.

DECLINAÇÃO DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Da primeira declinação dos pronomes se deriva esta abaixo a que os latinos chamam *possessivas*, ca per ela se declinam os *pronomes possessivos*, os quais são *ajetivos* e formam-se dos seus genitivos, como vimos atrás. E a primeira terminação é pera os masculinos e neutros, e a segunda pera os femininos.

PRIMEIRA PESSOA

	Singular			Plurar	
Nom.	meu	minha	*Nom.*	nosso	nossa
Gen.	de meu	de minha	*Gen.*	de nosso	de nossa
Dat.	a meu	a minha	*Dat.*	a nosso	a nossa
Acus.	meu	minha	*Acus.*	nosso	nossa
Voc.	ó meu	ó minha	*Voc.*	ó nosso	ó nossa
Abl.	de meu	de minha	*Abl.*	de nosso	de nossa

SEGUNDA PESSOA

	Singular			Plurar	
Nom.	teu	tua	*Nom.*	vosso	vossa
Gen.	de teu	de tua	*Gen.*	de vosso	de vossa
Dat.	a teu	a tua	*Dat.*	a vosso	a vossa
Acus.	teu	tua	*Acus.*	vosso	vossa
Voc.	ó teu	ó tua	*Voc.*	ó vossa	ó vossa
Abl.	de teu	de tua	*Abl.*	de vosso	de vossa

TERCEIRA PESSOA

	Singular			Plurar	
Nom.	seu	sua	*Nom.*	seus	suas
Gen.	de seu	de sua	*Gen.*	de seus	de suas
Dat.	a seu	a sua	*Dat.*	a seus	a suas
Acus.	seu	sua	*Acus.*	seus	suas
Voc.	(carece)		*Voc.*	(carece)	
Abl.	de seu	de sua	*Abl.*	de seus	de suas

E porque na parte que trata da construição havemos de dizer da maneira que servem estes pronomes e como podemos usar deles, acabaremos esta parte dos pronomes com as duas declinações dos nomes relativos que se seguem.

DECLINAÇÃO DOS NOMES RELATIVOS

INTERROGATIVOS

	Singular			Plural
Nom.	quem,	qual	*Nom.*	quais
Gen.	de quem,	de qual	*Gen.*	de quais
Dat.	a quem,	a qual	*Dat.*	a quais
Acus.	quem,	qual	*Acus.*	quais
Abl.	de quem,	de qual	*Abl.*	de quais

Difinçám e diuisám do uerbo.

VErbo (segundo difinçám de todolos grãmáticos) e hũa uóz ou palaura que demóstra obrár algũa cousa: o quál nam se declina como o nome e prónome per casos, mas coniugase per módos e tempos, como uerémos per suas coniugações. Os latinos partem os seus uerbos, em sustantiuos e aietiuos. Dos primeiros temos este só uerbo, sou, ao quál chamámos sustantiuo por que demóstra o ser pessoál da cousa, como quãdo digo, Eu sou criatura racionál. Verbo aietiuo podemos chamár todolos outros.

Repártem mais os latinos os seus uerbos, em pessoáes e impessoáes. Verbo pessoál e aquelle que tem numeros e pessoas. E todos elles trázem consigo estes oito acidentes. Genero, especia, figura, tempo, módo pessoa, numero, coniugaçám.

Do genero do uerbo pessoál.

GEnero é o uerbo, e hũa natureza especiál que tem hũs e nam tem outros: pela quál conheçemos serem hũs autiuos, outros passiuos, e outros neutros, nos quáes generos repártem os latinos os seus: e em outros dous, aque chámã comũs e depoentes. Nós destes cinquo generos temos sómente dous, autiuos e neutros.

Dos uerbos autiuos.

VErbo autiuo, e aquelle q̃ se póde cõuerter ao módo

 passiuo

RELATIVOS

	Singular	Plural
Nom.	que, o qual, a qual	que, os quais, as quais
Gen.	de que, de qual, da qual	de que, dos quais, das quais
Dat.	a que, ao qual, à qual	a que, aos quais, às quais
Acus.	que, o qual, a qual	que, os quais, as quais
Abl.	de que, do qual, da qual	de que, dos quais, das quais

DO VERBO

Como o Rei, per razão de alteza de seu ofício, se pode chamar casi divino, em comparação de seu povo (posto que todos sejam da massa dos quatro elementos), assim estes nossos dois reis, *nome* e *verbo*, dado que sejam compostos de lêtera e sílaba, primeiros elementos da linguagem, per razão da ecelência e alto ofício que têm, governam e regem tôdalas linguagens da terra em tanta paz e amor antre si, que não se viu república assi governada per um, como antes sendo dous governam a sua.

Té qui tratámos do nome e pronome conjunto a ele por matrimónio e vimos tôdolos acidentes de sua natureza; fica agora tratarmos do poder deste nosso rei, *verbo*. Não segundo convém à sua majestade, mas como o querem os gramáticos, a quem não é dado tratar que de sua humanidade.

DIFINÇÃO E DIVISÃO DO VERBO

Verbo, segundo difinção de todos os gramáticos, é ũa voz ou palavra que demostra obrar algũa cousa, o qual não se declina como o nome e pronome per casos, mas conjuga-se per modos e tempos, como veremos por suas conjugações.

Os Latinos partem os seus verbos em *sustantivos* e aietivos.

Dos primeiros temos este só verbo *sou*, ao qual chamámos *sustan-*

tivo, porque demostra o ser pessoal da cousa, como quando digo: *Eu sou criatura racional.*

Verbo ajetivo podemos chamar tôdolos outros.

Repartem mais os Latinos os seus verbos em *pessoais* e *impessoais*.

Verbo pessoal é aquele que tem números e pessoas. E todos eles trazem consigo estes oito acidentes: *género, espécia, figura, tempo, modo, pessoa, número, conjugação.*

DO GÉNERO DO VERBO PESSOAL

Género em o verbo é ũa natureza especial que têm uns e não têm outros, pela qual conhecemos uns *autivos*, outros *passivos* e outros *neutros*, nos quais géneros repartem os Latinos os seus; e em outros dois a que chamam *comuns* e *depoentes*. Nós, destes cinco géneros, temos sòmente dous, *autivos* e *neutros*.

DOS VERBOS AUTIVOS

Verbo autivo é aquele que se pode cunverter ao modo passivo e pelo qual denotamos fazer algũa obra que passe em outra cousa, a qual poemos em o caso acusativo por semelhante exemplo: *Eu amo a verdade*. Esta parte *Eu*, que é pronome, denota a minha pessoa, e o verbo *amo*, que é autivo, denota esta obra de amar, *a verdade*, a qual está em o caso acusativo, segundo mostra este artigo *a*, que é do número singular e do género feminino.

E porque não temos verbos da voz passiva suprimos este defeito per rodeio (como os Latinos fazem nos tempos que lhes falece a voz passiva) com este verbo *sou* e um particípio do tempo passado, dizendo: *Eu sou amado dos homens e Deus é glorificado de mi.*

Este modo passivo não é mais que um converter o auto do verbo às vessas do que faz o modo autivo, porque tanto é em sinificado *eu amo a verdade*, como *a verdade é amada de mi.*

Sòmente ao primeiro modo chamarão *autivo* e ao segundo *passivo*, porque um faz em obrar e o outro padece em receber.

DOS VERBOS NEUTROS

Verbo neutro em nossa linguagem será aquele que se não pode converter ao modo passivo e cuja aução não passa em outra cousa, assim como *estou, ando, venho, vou, fico*, e outros que podemos conhecer per este exemplo: *Os homens*[23], *que vão a Paris, e estão no estudo pouco tempo, e folgam de levar boa vida, não ficam com muita doutrina.*

DOS VERBOS IMPESSOAIS

Chamam os Latinos *verbo impessoal* todo aquele que se conjuga pelas terceiras pessoas do número do singular e não têm primeira nem segunda pessoa.

Estes verbos impessoais são em duas maneiras: a uns chamam *da voz autiva*, e outros *da voz passiva.*

Os *da voz autiva* acerca de nós são: *releva, compre, convém, acontece* e outros semelhantes, que querem antes de si o caso dativo e depois de si um verbo do modo infinitivo, por semelhante exemplo: *A ti releva aprender ciência e a mi convém dar doutrina.*

Estes verbos conjugam-se per todos os tempos e modos com este caso dativo por suposto,[24] dizendo. *A mi, a ti, a ele, a nós, a vós e a tôdolos homens releva, compre, convém, falar verdade.* Os verbos impessoais da voz passiva, acerca dos Latinos, sempre denotam aução com generalidade de obrar e pròpriamente vêm de tôdolos verbos neutros ausolutos.

Nós não temos estes verbos, mas, quando falámos per este modo, tomámos o verbo em a terceira pessoa do número singular e este pronome da terceira pessoa *se*, e, reciprocando, dizemos: *No paço se pragueja fortemente.*

Temos mais este verbo *hei, hás*, que é de género diverso polo ofício que tem, o qual ora se ajunta com nome, ora com verbo.

Quando se ajunta com nome, suprimos[25] muitos verbos da língua latina que a nossa não tem, como: *hei vergonha, hei medo, hei sede, hei fome, hei frio* e outros muitos sinificados que tem, quando o ajuntamos a nomes substantivos desta calidade.

E, quando serve desta maneira, podemos-lhe chamar *verbo neutro.*

E quando se ajunta a verbo sempre é de modo infinito e denota algum auto por fazer e per ele suprimos o particípio futuro na voz autiva, que os Latinos têm de que carecemos, como: *Eu hei de ler os livros, de de que espero alcançar doutrina.*

DA ESPÉCIE DO VERBO

Duas espécies tem o verbo, como vimos que tinha o nome, *primitiva* e *dirivativa.*

Primitiva é *amo; dirivativa* é *desamo.*

E destes verbos dirivados temos quatro diferenças: *aumentativos, diminutivos, denominativos, averbiais.*

Aumentativos são aqueles que sinificam aumento e contínuo acrecentamento daquilo que os seus primitivos sinificam, como: de *branquejar, embranquecer*; de *negrejar, enegrecer*; de *verdejar, enverdecer*; de *doer, adoecer* e de *tremer, estremecer.*

Diminutivos serão aqueles que significam (*sic*) algũa mais diminuição que os seus primitivos, como: de *chorar, choromingar*; de *bater, batocar.*

Denominativos são aqueles que se derivam do nome, como de *armas, armar;* de *sela, selar;* de *pentem, pentear* e de *ladrilho ladrilhar.*

Os *averbiais* são aqueles que se compõem[24] de avérbios, como, de *remate, arrematar;* de *àvante, avantejar.*

DAS FIGURAS DO VERBO

Duas figuras tem o verbo. s. *simples* e *composta.*

Simples será o que não for composto dalgũa parte sinificativa, e *composto* o que se compõe de duas.

Exemplo: *conheço* é simples: *desconheço,* composto, que se compôs desta dição *des* e *conheço.*

E per esta maneira se fazem muitas outras composições.

DOS TEMPOS DO VERBO

Temos em nossa linguagem cinco tempos como os Latinos: *presente, passado por acabar, passado acabado, passado mais que acabado* e *vindouro* ou *futuro.*

Presente chamamos aquele em o qual fazemos algũa obra presente. Exemplo:*Eu amo,* per onde demostro, que neste tempo presente faço esta obra de *amar.*

Passado por acabar é aquele per que mostro em outro tempo fazer algũa cousa, como quando digo: *eu amava.*

Passado acabado, como quando disser: *Eu amei.*

Passado mais que acabado, como: *Eu amara,* ou, suprindo por rodeio, dizendo: *Eu tinha amado,* per o qual tempo demostramos ter dado fim à obra.

Tempo vindouro é aquele em o qual se há de fazer algũa obra, como se disser: *Eu amarei.*

DOS MODOS DE VERBO

Modo em o verbo não é mais que ũa denotação da vontade em falando.

São os modos acerca de nós cinco, como têm os Latinos. Portanto, seguiremos a sua ordem e termos.

Ao primeiro chamam *indicativo,* quer dizer demostrador, porque por ele demostramos a obra que fazemos, como quando digo: *Eu leio.*

Ao segundo chamam *imperativo,* que quer dizer mandador, ca por ele mandamos, exemplo: *António, lê.*

Ao terceiro *outativo,* quer dizer, *desejador,* como quando dizemos: *provesse a Deus que lesses.*

Ao quarto chamam *sujuntivo,* que quer dizer *ajuntador,* porque, per ele, ajuntamos ũa dição com outra, pera dar perfeito entendimento no ânimo do ouvinte. Por semelhante exemplo: *Eu leria bem, se o continuasse.* Esta parte *se o continuasse* fez inteira esta oração *Eu leria bem,* e ũa sem outra não satisfaz o entendimento.

Ao derradeiro e quinto modo chamam *infinitivo,* que quer dizer não acabado, porque, além de carecer de números e pessoas, não deter-

mina, nem per si acaba cousa algũa, como se verá neste exemplo: *Conceder-vos isto, que pedis;* se mais não disser, fica esta oração imperfeita.

Que lhe falece?

Um verbo do modo finito. E ajuntando ũa parte com outra diremos: *Não posso conceder-vos isto que pedis.*

DAS PESSOAS E NÚMEROS DO VERBO

Se o verbo não tivesse esta distinção de pessoas, seria a nossa linguagem confusa; podemos, logo, dizer que esta distinção é como a divisão do pronome que tem *três pessoas:* a primeira, *eu leio*; a segunda, *tu ouves;* a terceira, *aquele ama.*

E este verbo tem número singular, como ora vimos nestes exemplos, e plurar, quando falamos per este nú[m]ero de muitos: *nós lemos, vós ouvis, aqueles amam.*

DA CONJUGAÇÃO DO VERBO

O derradeiro acidente do verbo nesta nossa ordem é a *conjugação,* a qual se pode chamar *discurso* ou *jornada* que o verbo faz per tôdalas pessoas, números, tempos e modos, assi como vimos que o nome discorria per tôdolos casos e números. Peró vai o verbo mudando as terminações e as lêteras finais, assim per as pessoas, como pelos modos quando o conjugamos, o que não faz o nome acerca de nós, porque sòmente a sua variação é de singular a plurar, como vimos.

Os Latinos têm quatro conjugações; nós três, as quais conhecemos no modo infinitivo, onde eles conhecem as suas.

A primeira nossa é dos verbos que no infinitivo acabam em *-ar* como: *amar, namorar, adorar, regar,* etc.

A segunda é dos verbos que acabam em *-er,* como: *ler, escrever, comer, beber,* etc.

Os que acabam em *-ir* são da terceira, como: *ouvir, ir, dormir.*

Os Latinos conjugam os seus verbos por cinco discursos .s. *presente do indicativo, pretérito, infinitivo, gerúndios, supinos e particípios,* assi da voz autiva como da passiva, dizendo: *amo, amas, amavi, amare,*

amandi, amando, amandum, amatum, amatu, amans, amaturus, amor, amaris, amatus, amandus.

Nós conjugamos os nossos verbos per estes discursos: pelo primeiro, *presente, pretérito, infinitivo, gerúndio do ablativo* e per o *particípio do pretérito,* tudo na voz autiva, por não termos voz passiva, tirando o particípio que é formado na passiva. E dizemos: *amo, amas, amei, amar, amando, amado.*

Tôdalas outras mais partes que os Latinos têm suprimos ou pelo infinitivo, à imitação dos Gregos, ou per circunlóquio, a que podemos chamar rodeio, como veremos no fim das conjugações.

AS CONJUGAÇÕES

MODO PERA DEMOSTRAR

TEMPO PRESENTE

Singular	Plurar
Amo – amas – ama	Amamos – amais – amam
Leio – lês – lê	Lemos – ledes – lêm
Ouço – ouves – ouve	Ouvimos – ouvis – ouvem
Sou – és – é	Somos – sois – são

TEMPO PASSADO NÃO ACABADO

Singular	Plurar
Amava – amavas – amava	Amávamos – amáveis – amavam
Lia – lias – lia	Líamos – líeis – liam
Ouvia – ouvias – ouvia	Ouvíamos – ouvíeis – ouviam
Era – eras – era	Éramos – éreis – eram.

TEMPO PASSADO ACABADO

Singular	Plurar
Amei – amaste – amou	Amámos – amastes – amaram
Li – leste – leu	Lemos – lestes – leram
Ouvi – ouviste – ouviu	Ouvimos – ouvistes – ouviram
Fui – foste – foi	Fomos – fostes – foram

TEMPO PASSADO MAIS QUE ACABADO

Singular	Plurar
Amara – amaras – amara	Amáramos – amáreis – amaram
Lera – leras – lera	Lêramos – lêreis – leram
Ouvira – ouviras – ouvira	Ouvíramos – ouvíreis – ouviram
Fora – foras – fora	Fôramos – fôreis – foram

TEMPO VINDOIRO

Singular	Plurar
Amarei – amarás – amará	Amaremos – amareis – amarão
Lerei – lerás – lerá	Leremos – lereis – lerão
Ouvirei – ouvirás – ouvirá	Ouviremos – ouvireis – ouvirão
Serei – serás – será	Seremos – sereis – serão

MODO PERA MANDAR

TEMPO PRESENTE

Singular	Plurar
Ama – ame	Amemos – amai – amem
Lê – leia	Leiamos – lede – leiam
Ouve – ouça	Ouçamos – ouvi – ouçam
Sê – seja	Sejamos – sede – sejam

MODO PERA DESEJAR

TEMPO PRESENTE

Singular	Plurar
Amasse – amasses – amasse	Amássemos - amásseis - amassem
Lesse – lesses – lesse	Lêssemos – lêsseis – lessem
Ouvisse – ouvisses – ouvisse	Ouvíssemos - ouvísseis - ouvissem
Fosse – fosses – fosse	Fôramos – fôreis – foram

TEMPO PASSADO NÃO ACABADO

Singular	Plurar
Amara – amaras – amara	Amáramos – amáreis – amaram
Lera – leras – lera	Lêramos – lêreis – leram
Ouvira – ouviras – ouvira	Ouvíramos – ouvíreis – ouviram
Fora – foras – fora	Fôramos – fôreis – foram

TEMPO PASSADO MAIS QUE ACABADO

SUPRIMOS POR RODEIO DIZENDO

Singular

Tivera amado – tiveras amado – tivera amado
Tivera lido – tiveras lido – tivera lido
Tivera ouvido – tiveras ouvido – tivera ouvido
Tivera sido – tiveras sido – tivera sido

Plurar

Tivéramos – tivéreis – tiveram
Tivéramos – tivéreis – tiveram
Tivéramos – tivéreis – tiveram
Tivéramos – tivéreis – tiveram

TEMPO VINDOIRO

Singular	Plurar
Ame – ames – ame	Amemos – ameis – amem
Leia – leias – leia	Leiamos – leiais – leiam
Ouça – ouças – ouça	Ouçamos – ouçais – ouçam
Seja – sejas – seja	Sejamos – sejais – sejam

MODO DE AJUNTAR[28]

TEMPO PRESENTE

Singular	Plurar
Ame – ames – ame	Amemos – ameis – amem
Leia – leias – leia	Leiamos – leiais – leiam
Ouça – ouças – ouça	Ouçamos – ouçais – ouçam
Seja – sejas – seja	Sejamos – sejais – sejam

TEMPO PASSADO NÃO ACABADO

Singular	Plurar
Amaria – amarias – amaria	Amaríamos - amaríeis - amariam
Leria – lerias – leria	Leríamos – leríeis – leriam
Ouviria – ouvirias – ouviria	Ouviríamos - ouviríeis - ouviriam
Seria – serias – seria	Seríamos – seríeis – seriam

TEMPO PASSADO ACABADO

Singular	Plurar
Amara – amaras – amara	Amáramos – amáreis – amaram
Lera – leras – lera	Leramos – lereis – leram
Ouvira – ouviras – ouvira	Ouvíramos – ouvíreis – ouviram
Fora – foras – fora	Fôramos – foreis – foram

TEMPO VINDOIRO

Singular	Plurar
Amar – amares – amar	Amarmos – amardes – amarem
Ler – leres – ler	Lermos – lerdes – lerem
Ouvir – ouvires – ouvir	Ouvirmos – ouvirdes – ouvirem
For – fores – for	Formos – fordes – forem

MODO INFINITIVO

TEMPO PRESENTE

Amar – ler – ouvir – ser

TEMPO PASSADO PER RODEIO

Ter amado – ter lido – ter ouvido – ter sido

TEMPO VINDOIRO PER RODEIO

Haver de amar – haver de ler – haver de ouvir – haver de ser

GERÚNDIO

Amando – lendo – ouvindo – sendo

PARTECÍPIO DO TEMPO PASSADO

Amado – lido – ouvido – sido

DALGUNS SUPRIMENTOS QUE TEMOS DOS TEMPOS PER MANEIRA DE RODEIO

Temos ainda em nossas conjugações alguns tempos que dizemos per rodeio, assim por uso de nossa linguagem, como pera significar alquns que os Latinos têm, de que nós carecemos, os quais poderão bem, sentir os seus gramáticos, principalmente no modo optativo (sic) e sujuntivo.

Chamamos tempo por rodeio, quando simplesmente não podemos usar de algum, então, pera o sinificar, tomamos este verbo *tenho*, naquele tempo que é mais conforme ao verbo que queremos conjugar e com o seu particípio passado dizemos: *tivera amado*, como se pode ver no tempo passado e mais que acabado no modo pera desejar, o qual suprimos per este rodeio por não termos simples com que o sinificar.

E no modo infinitivo não acabado, por não termos tempo passado e vindoiro, ambos simples, sinificámos per rodeio: o passado, dizendo *ter amado, lido, ouvido, sido;* e o vindoiro, *haver de amar, ler, ouvir, ser.*

Temos mais alguns tempos simples, os quais, por cópia da nossa linguagem mais que por defeito dela, os podemos dizer também per rodeio, como o tempo passado mais que acabado do modo pera demostrar, o qual simples dizemos *amara* e, per rodeio na mesma sinificação,

tinha amado, ainda que parece no sentido, que estes tempos simples com o particípio dão à obra algũa mais perfeição em tempo.

O modo pera desejar, no tempo passado não acabado, dizemos também per rodeio: *Ó se tivera amado, lido, ouvido, sido*, ainda que este particípio *sido* mais comum é aos Castelhanos que a nós.

O tempo passado não acabado de modo pera ajuntar também o suprimos per rodeio, dizendo: *como teria eu amado, lido, ouvido, sido*.

Suprimos também o tempo vindoiro deste modo, quando dizemos: *amará, lerá, ouvirá, será*, com o acento no *á* final, à diferença de *amara, lera ouvira*, que são do tempo passado não acabado do modo pera desejar, que sòmente o acento faz a variação dos tempos e modos.

Alguns outros modos temos de variar e suprir os tempos de nossas conjugações, os quais, por acontecerem poucas vezes, leixo, e também por dar matéria aos curiosos que nisso quiserem entender.

Estes me parecem assaz pera esta nossa introdução e que ao uso da nossa linguagem são mais comuns.

DA FORMAÇÃO DOS VERBOS PER SEUS TEMPOS E MODOS

Atrás, na formação dos nomes, vimos que todo o trabalho estava de singular a plurar.

Aqui, nesta formação dos verbos, não sòmente está em os números, mas em as pessoas, tempos e modos, porque acrescentamos, diminuímos, trastrocamos lêteras, segundo o que cada ũa destas cousas que. E dado que nas regras da formação nos pudéssemos estender, como fazem os gramáticos gregos e latinos (por ser o mais dificultoso de toda a gramática), leixaremos toda curiosidade, tomando o necessário, donde se podem tomar regras pera o mais que cada um quiser acrecentar a estes nossos princípios.

DOS PRETÉRITOS E PARTICÍPIOS

Os verbos da primeira conjugação fazem no pretérito perfeito do modo demonstrador em *-ei* e no particípio em *-ado*, como: *Amo, amei, amado*.

Todo o verbo da segunda conjugação faz no pretérito em *i* e no particípio em *idos*, como *leio, li, lido*.

Tiram-se desta regra: *apraz, trago, jaço, cubro*, que fazem no pretérito [29] em *e* e dizemos: *aprouve, trouxe, jouve, coube*.

E *apraz, jaço* [30], carecem de particípio em bõa linguagem, porque os rústicos o formam muitas vezes.

Todo verbo da terceira conjugação também faz no pretérito em *-i* e no particípio em *-ido*. Tiram-se desta regra alguns que fazem no particípio em *-erto* como *abro, cubro*, com seus composto, ca dizemos *aberto, cuberto, desoberto* e *encoberto*.

Outros verbos temos, os quais totalmente não seguem estas regras [31] a que podemos chamar irregulares, como alguns que os Latinos têm.

Estes sòmente sejam, por exemplo, *venho e ponho*, com seus compostos, ca uns fazem no pretérito em *-im* e *-us*, e no particípio em *-ido* e *-osto*, como, *venho, vim, vindo; ponho, pus, posto*.

Isto basta pera conhecimento dos pretéritos e particípio em geral.

Venhamos às suas formações e dos outros tempos e modos.

DAS FORMAÇÕES

Assi como o infinitivo é um modo que nos [32] faz conhecer de que conjugação é qualquer verbo, assi dele, mais que de outro algum modo, podemos tomar regra pera a formação dos outros. E também lhe devemos esta preeminência, como a termo dos verbos mais usados e conhecidos, porque os mininos, quando começam formar nossas palavras, primeiro conhecem a ele que algum outro modo e por ele os insinam suas madres.

Os bárbaros, que vêm a nosso serviço, dele começam com em primeiro elemento de formação verbal. E por ele suprimos alguns defeitos da nossa linguagem, em que a latina é mais copiosa.

Assi que justa cousa será tomarmos a ele por primeira posição do verbo, pera dele formarmos os outros modos.

E a segunda posição pode ser o primeiro presente do número singular do modo demostrador, se dela quisermos formar algũas pessoas.

Os verbos da primeira conjugação que fazem no infinitivo em *-ar* formam o primeiro presente do modo demostrador perdendo esta sílaba

final *-ar* e em seu lugar poemos *o*, e fica de *amar*, formando *amo;* de *cantar*, *canto;* de *louvar*, *louvo*.

Tiram-se desta regra *dar*, *estar*, a que poemos *-ou* e dizemos *dou*, *estou*, ditongado. E também se tira este verbo *hei*, *hás*, que é de todo irrigular, assi na conjugação como na formação, o porque, sendo da primeira conjugação, acaba no infinito em *-er*, que parece da segunda. E, quando vem à primeira posição da primeira pessoa do modo demostrador, dizemos *hei*, que não tem conveniência com *haver*, seu infinitivo.

Os verbos da segunda conjugação fazem no infinitivo em *-er* e formam o primeiro presente acrecentando-lhe também *o*, em lugar de *-er* como *cometer*, *cometo; combater*, *combato; adoecer*, *adoeço; acolher*, *acolho*, etc.

Tiram-se desta regra muitos que seguem diferentes formações, como *poer* com seus compostos, ca dizemos *ponho*, *componho*, *anteponho*, *posponho*. E dizer com seus compostos *arder*, *atraer*, *caber*, *ter*, com seus compostos. E *jazer*, *reger*, *ver*, *fazer*, com seus compostos, ca dizemos *digo*, *bendigo*, *maldigo*, *arço*, *atraio*, *caibo*, *tenho*, *retenho*, *mantenho*, *jaço*, *rejo*, *vejo*, *faço*, *desfaço*, *contrafaço* e *refaço*, os quais casi cada um per si faz sua formação.

Os verbos da terceira conjugação terminam infinitivo em *-ir* e formam o seu presente pela maneira das outras conjugações poendo em lugar de *-ir*, esta lêtera *o*, fica formado: *firo* de *ferir; durmo* de *dormir; sento* de *sentir; cubro* de *cobrir*.

Tiram-se desta regra *ouvir*, *afligir*, *vir*, *ir*, *cair*, *concluir*, *seguir*, *medir*, com seus compostos que alguns destes têm, ca dizemos *ouço*, *aflijo*, *avenho*, *vou*, *caio*, *concluio*[33], *sigo*, *meço*. E o verbo sustantivo *sou* também carece da regra geral dos verbos, porque faz no infinitivo em *-er* e quando o trazemos ao primeiro presente dizemos *sou*.

E por ser mui irregular em suas formações não falaremos mais dele, nem menos daremos regras dos outros tempos e modos, porque basta pera os saber formar as conjugações que a olho nos mostram as lêteras finais, em que os verbos que podem ter regra geral se terminam.

Porque dos irregulares há í tanto número, que «seria, como diz o provérbio, maior o capelo que a capa», e, por não cairmos nele, ante sejamos breve que prolixo.

DO AVÉRBIO

E SUAS PARTES

Avérbio é ũa das nove partes da oração que sempre anda conjunta e coseita com o verbo e daqui tomou o nome, porque *ad* quer dizer «cerca» e composto com *verbum* fica *adverbium*, que quer dizer «acerca do verbo».

Foi esta parte muito necessária, ca por ela se denota a eficácia ou remissão do verbo, porque quando digo *eu amo* a verdade demonstro, que simplesmente faço esta obra de *amar*, mas dizendo *eu amo muito a verdade*, per este avérbio *muito* denoto a cantidade de amor que tenho à cousa. E se disser *amo pouco a verdade* desfaço toda a obra de amar.

Assi que tem o avérbio este poder, acrecenta, diminui e totalmente destrui[35] a obra do verbo a que se ajunta e ele é o que dá aos verbos cantidade ou calidade acidental, como o ajetivo ao sustantivo. E a cada um dos avérbios acontece estes acidentes: espécia, figura, significação.

DA ESPÉCIA E FIGURA

As espécias do avérbio são duas: *primitiva* (como *muito* e *pouco*), *dirivada* (como de *bom* se deriva *bem*, e de *mau*, *mal*).

Figuras tem duas: *simples* (como *ontem*); *composta* (*antontem*, que quer dizer «ante de ontem»).

DA SINIFICAÇÃO

Como os avérbios são muitos, assi têm diversas sinificações, as quais não podemos compreender todas pera as reduzir a regras gerais, sòmente porei algũas conformando-me com a ordem dos latinos.

De lugar: *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*, *algures*.

De tempo: *antontem*, *ontem*, *hoje*, *agora*, *depois*, *cedo*, *tarde*, *nunca*.

De cantidade: *muito*, *pouco*, *maior*, *menor*.

De calidade: *bem*, *mal*.

De afirmar: *certo, si.*
De negar: *não, nem.*
De duvidar: *quiçá, per ventura.*
De demostrar: *eis, ei-lo, ei-la.*
De chamar: *ó, olá.*
De desejar: *ose (sic), oxalá.*
De ordenar: *item, depois.*
De preguntar: *como, porque.*
De ajuntar: *juntamente, em soma.*
De apartar: *àparte, afora.*
De jurar: *certo, em verdade.*
De despertar: *eia, sus, asinha.*
De comparar: *assi, assi como, bem como.*
De acabar: *em conclusão, finalmente.*

Per outra maneira soprimos grande diversidade de avérbios, ajuntando a um nome ajetivo feminino esta palavra, *—mente* e dizemos: *boamente, màmente, escassamente, grandemente,* etc., que quer dizer «boa, má, escassa, grande, vontade».

DA PREPOSIÇÃO

Preposição é ũa parte das nove que tem a nossa gramática, a qual se põe [21] antre as outras partes per *ajuntamento* ou per *composição.*

Quando é per *ajuntamento,* ordena-se per este modo: *eu vou à escola.*

Esta lêtera *a,* posta ante da *escola,* se chamam *preposição,* a qual rege o caso acusativo e neste está o nome *escola.*

E se disser: *eu aprovo tua doutrina,* é per composição, ca se compõe [36] esta lêtera *a* com *provo* e dizemos *aprovo.*

DA FIGURA

A preposição não tem espécie como o avérbio, mas tem figura *singela* e *dobrada.*

Singela como quando dizemos: *cerca;* e *composta,* acrecentando-lhe esta preposição *a;* diz *acerca,* que já tem mais eficácia.

E muitas vezes, quando as juntamos per composição ao verbo, mudam a sinificação dele e as que se ajuntam são estas: *a, com, des, re,* como *acordar* (do qual não temos o simples) *concordar, desacordar, recordar, aprazer, comprazer, desprazer* e outros muitos a que se estas ajuntam. E também se compõem ũas com outras, como, *cerca, acerca.*

E com os avérbios *fora, de fora, dentro, de dentro.*

Estas preposições ũas regem genitivo, outras dativo, outras acusativo e outras ablativo.

As do genitivo são: *de, do.*
As do dativo: *a, ao, pera.*
As do acusativo: *a, ante, diante, contra, per, por.*
As do ablativo: *com, em, no, na, sem.*

DA INTERJEIÇÃO

Os Gregos contaram esta parte da interjeição com o avérbio. Os Latinos (a quem nós seguimos) distintamente falaram dela e, segundo eles, não é mais que ũa denotação do que a alma padece.

E antre muitas que temos, estas são as mais comuns:

Ai, oi ex, são de quem sente dor;
Há, hà, hé, de quem ri;
Jesu, de quem se espanta;
Ai, ai, de quem sinte prazer achando;
A deus, de quem exclama;
A há, de quem comprende alguém em malefício;
Hui, de quem zomba;
Chis, st, pera fazer silêncio.

Outras muitas interjeições temos que mais se demostram nos autos e meneios de quem os faz, do que a lêtera os pode exprimir, que casi são tantas em espécia, como temos de paixões naturais.

DA CONSTRUIÇÃO

DAS PARTES

Té qui tratámos das primeiras três partes da Gramática. s. *lêtera, sílaba, dição;* fica agora vermos a quarta que é da *construição.*

Esta, segundo difinção [38] dos gramáticos, é ũa conveniência antre partes postas em seus naturais lugares, per as quais vimos em conhecimento dos nossos conceitos. E bem como ao homem é natural a fala, assi lhe é natural a conveniência destas partes: nome sustantivo com ajetivo, nominativo [39] com verbo, relativo com antecedente.

Quanto ao regimento das outras partes, cada nação tem sua ordem e por não serem universais a todos, lhe podemos chamar *acidentais.*

Nós tomaremos da nossa construição o mais necessário, imitando sempre a ordem dos Latinos, como temos de costume.

DIVISÃO DA CONSTRUIÇÃO

Duas cousas aquecem à construição: *concordância* e *regimento.*

Concordância é ũa conveniência de duas dições correspondentes ũa à outra em número, em género, em caso, pessoa ou em algũa destas cousas. Em número, género e caso, como o ajetivo com seu sustantivo. Em género, número e pessoa, como o relativo e antecedente. Em número e pessoa, como, o nominativo e verbo. Da concordância daremos regras e exemplos.

Regimento é quando ũa dição se construi com outra diversa a ela per género ou per número, caso ou pessoa, sòmente per ũa especial natureza, com que obriga e sujeita a seguinte a ser posta em algum dos casos que temos, como se verá ao diante.

DA CONCORDÂNCIA DO NOME SUSTANTIVO COM O AJETIVO

As dições que convém em número género e caso são os nomes sustantivos com os seus ajectivos; per semelhante exemplo: *Os homens bons.*

Aqui estão *os homens* por nome sustantivo em número plurar e são

do género masculino; e estão no caso nominativo, como se pode ver per suas regras.

A todas estas cousas corresponde o nome ajetivo *bons,* com que perfeitamente recebemos aquela notícia, *os homens bons.* E não diremos *homem boa,* ca desfalece a natural ordem da construição per que nos havemos de entender e parecerá mais fala de negros, que de bom português.

Per semelhante modo os pronomes e particípios que temos se ajuntam com os nomes sustantivos, ainda que na ordem de precederem acerca de nós tem deferença, ca o nome ajectivo ora se antepõe [21] (como *os bons homens*), ora se pospõe (como *os homens bons*). E não temos nisto mais regra que o consintimento da orelha, peró o pronome sempre se põe de trás do nome, ca dizemos *eu, Joane; tu António; ele, Jerónimo,* e não ao contrairo); verdade é que na segunda pessoa no modo imperativo, podemos dizer: *António, tu irás ler a lição.*

Tem mais o nome ũa concordância quando está no caso nominativo, que há de convir como verbo em número e pessoa, como quando digo, *eu amo.*

Quando o nome é relativo, há de convir com o seu antecedente em género, número e pessoa, como *eu amo os moços, os quais folgam de aprender.*

Este nome *moços* é do género masculino e do número plurar e da terceira pessoa.

A todas estas cousas corresponde o seu relativo *os quais,* por serem masculinos perante o seu artigo, *os,* e do número plurar.

E não responde em casos, porque *os moços* estão em acusativo onde o verbo faz operação e *os quais* estão no caso nominativo, por serem autores daquela obra aprender.

Estas são as regras gerais da nossa construição; agora vejamos das particulares e acidentais.

DO REGIMENTO DOS VERBOS

Como vimos atrás, os verbos ou são pessoais ou impessoais.

Pessoais são os que têm números e pessoas, como *amo, amas, ama, amamos, amais, amam,* onde claramente vemos dois números, singular e

plurar, e cada um deles tem três pessoas, *amo*, a primeira, *amas*, a segunda, *ama*, a terceira, etc.

Estes verbos pessoais, ou passa a sua aução em outra cousa, ou não. Os que passam chamam-lhe os Latinos *transitivos*, que quer dizer «passadores», como *eu amo a ciência*, a aução do qual verbo, *amo*, passa na *ciência*. Estes transitivos têm diverso regimento, porque uns regem genitivo, outros dativo, outros acusativo, outros dativo e acusativo.

Os que regem genitivo são estes e outros semelhantes: *maravilho-me da grandeza de Deus, lembro-me dos seus benefícios, esquece-se dos meus pecados, porque eu uso das virtudes e careço dos vícios.*

Todo verbo que significa «comprazer, obedecer», ou cujo auto dá proveito ou dano a algũa cousa, quer depois de si dativo, como: *sirvo a Deus, obedeço a el-rei, aproveito a meus amigos, empeço a seus contrários.*

Os verbos que regem acusativo, pròpriamente, são os transitivos, como *amo a virtude, avorreço o vício, leio os livros, aprendo ciência, oiça gramática* e *ganho honra.*

Os que regem genitivo ou ablativo depois do acusativo são tôdolos que sinificam «encher» ou «vazar algũa cousa», como: *eu enchi a casa de trigo e vazei a bolsa de dinheiro.* E assi outros verbos ao exemplo destes: *Hei piedade de ti, tenho vergonha da mentira e tristeza do pecado,* etc.

Outros depois do acusativo querem dativo, como: *Eu dou graças a Deus, faço bem aos proves, empresto dinheiro a meus amigos e não dou logro aos onzeneiros,* etc.

Os verbos pessoais, cuja aução não passa em outra cousa, são os que pròpriamente se podem chamar *neutros* e que, depois de si, não querem caso senão mediante preposição, como: *Estou na Igreja, vou à escola, vigio de dia, durmo de noite, acordo a boas horas, navego no verão, folgo no inverno por amor do estudo,* etc.

DOS VERBOS IMPESSOAIS

Os *verbos impessoais* são os que não têm números e pessoas e se conjugam pelas terceiras, como vimos na difinção deles. Estes acerca de nós têm natureza que antes de si querem dativo e depois de si um verbo

do modo infinito, o qual rege o caso do seu verbo per semelhante exemplo. A mi convém dar doutrina, a ti releva aprender ciência, aos homens apraz ter dinheiro, às mulheres cumpre honestidade e a todos obedecer aos preceitos da Igreja, etc.

DO REGIMENTO DOS NOMES

Como os verbos têm natureza pera depois de si regerem alguns casos, muitos nomes têm preminência de regerem outros, quando se ajuntam a eles, dos quais uns regem genitivo, outros dativo e outros genitivo e dativo.

Todo nome sustantivo apelativo, em qualquer caso que estiver, pode reger genitivo, cujo súbdito fica, como, quando dizemos: *A lei de Deus, na ordenação de el-rei, ao filho do conde, amo a verdade dos homens, ó vergonha de moço, no paço de el-rei,* dizemos mais: *cavalo de cem cruzados e trigo de quorenta reais.*

Temos também alguns nomes ajetivos que têm força de reger nomes sustantivos, que é ao contrairo destes atrás. Uns regem genitivos, como: *cubiçoso de honra, pródigo de dinheiro, avaro de privança, limpo de malícia, zeloso de justiça.*

Outros regem dativos, como: *manso aos humildes, cruel aos soberbos, brando aos seus, doce aos amigos, franco aos estrangeiros, semelhante a seu pai.*

Outros regem genitivo e dativo, como: *chegado do conde e ao conde.*

DO REGIMENTO DO AVÉRBIO

O avérbio, ainda que não tem tanta força como o verbo e nome em seu regimento, muitas dições se regem dele e alguns têm estes três acidentes. Muitas vezes se ajuntam dous em algũa conjunção, como: *muito bem se fez isto.*

E com conjunção se ajuntam dous e três, como: *bem prudente e sagazmente se houveram os Romanos contra os Cartagineses.*

O segundo acidente é que deseja de se ajuntar ao verbo, a que dá mais ou menos sinificação, como: *mui mal cumpriste comigo.*

Terceiro acidente é que alguns têm força de regerem casos, como: *assaz de dinheiro, muito disto, pouco de proveito.*

DA PREPOSIÇÃO

Atrás vimos, quando falámos das preposições, que ũas eram do caso genitivo, outras do acusativo, outras do ablativo, porque cada ũa rege o caso de que tomou o nome. As que regem genitivo são: *debaixo do céu, fora do reino, dentro de casa, defronte de mi, acerca de nós,* etc.

As que regem acusativo são estas e outras semelhantes: *sobre perfia, ante el-rei, à praça, contra Lutero, entre os bons, per bom caminho,* etc.

As que regem ablativo são as dos seguintes exemplos: *com Deus, no céu, sem pecado,* etc.

DA CONJUNÇÃO

Se houvéssemos de tratar de quantas espécias i há de conjunção, seria curiosidade enojosa aos ouvintes; basta saber que temos duas conjunções mais comuns. A ũa chamam *copulativa* (que quer dizer «ajuntador», porque ajunta as partes antre si) e a outra *disjuntiva,* a qual mais pròpriamente se deve chamar *disjunção* que *conjunção,* porque divide as partes.

A *copulativa* ajunta as partes per semelhante exemplo: *Alexandre e César e Aníbal e Pompeu e Pirro foram grandes capitães.*

E por causa de elegância e não repitirmos tantas vezes a conjunção e com ũa só posta ante a derradeira parte, ajuntamos tôdolas precedentes, antre as quais ela fica entendida, como: *Alexandre, César, Aníbal, Pompeu, e Pirro foram grandes capitães.*

A outra, que chamamos *disjuntiva,* serve nos exemplos semelhantes: *dos filósofos, Sócrates ou Platão, ou Aristóteles, não sei qual, diz que a verdade acerca dos homens tem dous rostros: com um os alegra e com outro os entristece.*

DA INTERJEIÇÃO

Interjeição, como vimos atrás, tem tantos sinificados como são os efeitos da alma. E de todas estas interjeições acerca de nós há í algũas que regem casos, ũas vocativo, que são para chamar, ou espantar de algũa cousa, doendo-se dela, como: *ó Deus, ó vós, ó homem perdido, ó malaventurado de pecador.*

Outras regem genitivo, que são aquelas que denotam tristeza, como: *ai de aqueles que têm pouca fazenda* e *guai dos que a ganham com mau título.*

DAS FIGURAS

Não sòmente temos em a construição das partes na nossa gramática as regras que atrás vimos, mas ainda algũas figuras e vícios, que assi na fala com na escritura cometemos. Figura, segundo difinção de Quintiliano, é ũa forma de dizer per algũa arte nova. Estas figuras se dividem em dois géneros, de que dependem muitas espécias.

Ao primeiro viço chamamos *barbarismo* e ao segundo *solecismo.*

Barbarismo é vício que se comete na escritura de cada ũa das partes ou na pronunciação. E em nenhũa parte da terra se comete mais esta figura da pronunciação que nestes reinos, por causa das muitas nações que trouxemos ao jugo do nosso serviço. Porque bem como os Gregos e Roma haviam por bárbaras tôdolas outras nações estranhas a eles, por não poderem formar sua linguagem, assim nós podemos dizer que as nações de África, Guiné, Ásia, Brasil, barbarizam quando querem imitar a nossa. E leixando as figuras e vícios poéticos, trataremos sòmente daqueles per que mais comummente falamos em oração soluta, porque, como já disse quando tratei do acento, as cousas que competem aos poetas ficaram pera quando for restituído a este reino o uso das trovas. Ao presente vejamos as espécias do nosso barbarismo, os vocábulos dos quais ainda que sejam gregos, tomaremos como tomar am os Latinos e levando a sua ordem.

Próstesis, que é a primeira espécia, quer dizer «acrescentamento»; comete-se este vício quando se acrecenta algũa letra ou sílaba ao prin-

cípio de qualquer dição, como quando dizemos: *até aqui* por *té qui*, acrecentando a lêtera, a.

Aféresis quer dizer «cortamento», porque do princípio de algũa dição cortamos e tiramos algũa letra ou sílaba, que é o contrairo do de cima, como nesta dição *determinar;* tiramos *de* e dizemos *terminar*, que é o simples.

Epêntesis quer dizer «interposição», porque quando a cometemos se entrepõe lêtera ou sílaba na dição, como a esta palavra *tôdolos*, que em lugar de *s*, que lhe tirámos, lhe põe *l*, que arrebata a sílaba final *os*. E dizemos *tôdolos*, com um só *l* e não com dois, como fazem os que não sentem que esta parte, *tôdolos*, é composta destas duas: *todos, os*.

Síncopa que quer dizer «cortamento», que se corta no meo da dição lêtera ou sílaba que é o contrário da de cima, como quando dizemos *consirar* por *considerar*, *viço* por *vício*, *letra* por *lêtera*.

Paragoge quer dizer «acrecentamento»; comete-se este vício quando, em fim de algũa palavra, se acrecenta lêtera ou sílaba, como se faz nos rimances antigos, que, por fazerem consoante, diziam os que me soem *guardare* por *guardar*.

Apócopa quer dizer «cortamento de fim», que é o contrairo de estoutra que acrecenta, como quando dizemos *fidalgo* por *filho de algo*, *a mó de falar*, por *a modo de falar*.

Diéresis quer dizer «apartamento», ca per ela apartamos ũa sílaba em duas partes, como quando dizemos *poemos* por *pomos*.

Sinéresis quer dizer «ajuntamento», que é contrário destoutra, pois per ela ajuntamos duas lêteras vogais em ũa, como *s'houver*[40] *de olhar*[41] *às cousas desse homem* por *se houver de oulhar às cousas de esse homem*.

Sinalefa quer dizer «apartamento», que casi é como a de cima, o qual vício cometemos quando algũa dição acaba em lêtera vogal e se começa outra em outra vogal, porque então lançamos ũa das vogais fora neste modo: *tempo é dandar daqui* por *de anda daqui*.

Ectlisis quer dizer «escoamento» e faz-se quando algũa dição acaba em lêtera consoante e começa outra que pronunciando ambas fazem fealdade e pela evitar lançamos ũa fora, per semelhante exemplo: *Sol luzente, sotil ladrão*.

Antítesis quer dizer «postura de lêtera ũa por outra», como quando dizemos *dixe* por *disse*. A qual figura é acerca de nós mui usada, principalmente nesta lêtera *x*, que tomamos da pronunciação mourisca, ainda que alguns digam que devemos dizer *dixe*, porque no pretérito latino este verbo *dico* faz *dixi*.

Metátesis é a derradeira espécia das que acerca de nós se cometem em lêtera ou sílaba; quer dizer «transposição», porque per ela trastrocamos as lêteras, como nestas dições *tarstorcar* por *trastrocar*, *apretar* por *apertar*. E como os que falam vasconço que trocam umas lêteras por outras.

Solecismo é o segundo género dos vícios que podemos cometer; este se comete na construição e ordem das partes, quando delas usamos per algum modo apartado do comum do falar.

Vem este vocábulo *solecismo* de ũa cidade de Celícia que se chamava *Solos*, a qual dizem que povoou Sólon. E porque a esta povoação concorreram povos de diversas nações, que corromperam a verdadeira e pura língua dos Gregos, chamaram eles a esta corrução *solecismo*, donde os Romanos tomaram este vocábulo que nós ora usamos. E porque eles têm muitas espécias destes vícios, tomaremos sòmente aquelas que nos convêm e as outras fiquem com seu dono.

Prolépsis quer dizer «antecipação». Comete-se quando partimos em diversas partes algũa generalidade como: *Dos homens, um é leterado, outro cavaleiro, outro sacerdote e outro ocioso*[42] *e todos cuidam que acertam*.

Zeuma que é o contrário *(sic)* desta de cima; quer dizer «conjunção», porque per esta figura damos muitas partes a um verbo, como: *O mercador no trato, o lavrador no campo e o bom frade na religião se deleita*.

Hipozensis quer dizer «ajuntamento debaixo». E sendo espécia de zeuma, é contraira a ela, ca correspondem muitos verbos a um so posto, per semelhante exemplo: *El-rei D. João o primeiro venceu a batalha real e passou em África e tomou Ceita aos Mouros e tornou-se a este reino vitorioso, onde faleceu já de muita idade*.

Silépsis quer dizer «concebimento», porque debaixo de nomes sustantivos e ajetivos de diversos números e pronomes de diversas pessoas,

colhemos com um verbo ũa cláusula, como esta: *Tu e António e os bons homens*[43] *com as mulheres devotas folgais de ouvir as vidas dos santos.*

Aposício[44] quer dizer «apostura», a qual se faz quando ajuntamos dois nomes sustantivos sem conjunção, que um expõe e decrara o outro, como: *O Tejo, rio principal da Europa*[45], *entra no mar em Lisboa*[46], *cidade das mais nobres do mundo.*

Antiptósis quer dizer «caso por caso», ca per esta figura a cousa que há-de estar em um caso, poemos em outro per semelhante exemplo: *Do homem de que falávamos vem agora,* por dizer, *o homem de quem falávamos vem agora.*

Sinédoque[47] quer dizer «intendimento», porque pela parte entenmos o todo, como se me preguntassem *quantas velas traz el-rei nosso senhor da Índia?*, polas *naus*, e eu respondesse: *trezentas.*

Cocófato[48] que quer dizer «mau som» e é vício que a orelha recebe mal, e comete-se quando, do fim de ũa palavra e de princípio de outra, se faz alguma fealdade ou significa *(sic)* algũa torpeza, como: *colhões tamanhos tem aquela lebre,* por *que olhões tamanhos tem aquela lebre.*

Pleonasmo quer dizer «sobegidão de palavras», porque então o cometemos quando se dizem algũas que se *modeiam* escusar, como: *Olhou*[49] *-me com os seus olhos e falou-me com a sua boca,* porque ninguém pode olhar[50] e falar senão per olhos e boca própria.

Periossologia quer dizer «sobegidão de razões», a qual cometemos quando, per palavras dobradas que não têm mais força, dizemos o que se pode dizer per poucas, como: *arder* e *ser ardido,* porque tanto quer dizer *arder,* como *ser ardido.*

Macrologia quer dizer «longo rodeio de palavras e dições» e então se comete quando contamos algũa cousa, rodeando muitas razões, pera concluir ũa sentença, como se alguém dissesse: *El-Rei D. João, Nosso Senhor, o terceiro deste nome, que ora reina nestes reinos de Portugal, per mãos de muitos e bons oficiais de pedraria, que mandou buscar per todo o seu reino, mandou fazer mui fortes arcos de pedraria com que veio*[51] *água da Fonte da Prata à cidade de Évora.*

O qual rodeio[52] de palavras se conclui nesta sentença: *El-rei D. João o terceiro mandou trazer a Évora água da Fonte da Prata.*

Tautolagia[53] quer dizer «repetição de ũa palavra muitas vezes», a

qual figura cometemos por semelhante exemplo: *Eu mesmo me ando folgando,* por *ando folgando.*

Eclipsis quer dizer «desfalecimento»; esta é ũa figura mui comum a nós e de que nos muito servimos, principalmente nos sobrescritos das cartas, como quando dizemos: *A el-rei nosso senhor, ao muito manífico senhor Foão,* falece aqui seja dada.

Cacosinteton quer dizer «má composição», a qual cometemos quando, per maneira de elegância, alguém ordena a linguagem segundo o latim jaz, como ũa oração a qual eu vi tirada em linguagem per um letrado que se prezava de eloquente e disse: *Dá-nos, Senhor, aquela a qual o mundo não pode dar paz,* havendo de dizer: *dá-nos, senhor, aquela paz que o mundo não pode dar.* E outro que escrevia, dizendo no fim da carta: *desta de Lisboa*[46] *cadeia onde há meses sete que sou habitante.*

Anfibologia quer dizer «dúvida de palavras», pelas quais vimos a duvidar a sentença delas, das quais muitas vezes se seguem grandes demandas, como se conta de um homem que tinha ũa filha bastarda.

Quando veio a hora da morte fez um testamento e disse: *Leixo a João por meu herdeiro; mando que dê a minha filha pera seu casamento tudo aquilo que ele quiser de minha fazenda.*

Crecida a moça dava-lhe o herdeiro cem mil reais pera casamento que era mui pouco e sobre isso vieram a juizo.

Perguntando o Juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dava à moça, respondeu que valia um conto e que lhe dava cem mil reais. Disse o Juiz:

— Logo vós quereis desta fazenda novecentos mil reais?

Responde o herdeiro:

— Si.

— Pois, segundo a verba do testamento, disse o Juiz, vós havereis cem mil reais e a moça novecentos, porque ela há-de haver aquilo que vós quereis da fazendo do testador, e esta foi a sua vontade, mas leixou a verba anfibológica, por olhardes[54] milhor pola fazenda de sua filha, té ela ser em idade pera casar.

E destes exemplos há i muitos, de que os oráculos dos gentios usavam pera enganar os seus devotos.

Epizêuxis quer dizer «conjunção», a qual cometemos quando se repete ũa cousa duas e três vezes sem interposição de parte, como: —*Vem, vem, pois que te chamo, não me negues teu favor.*

Esquisionomaton quer dizer «confusão de nomes», como quando, por encher a oração, ajuntamos muitos sustantivos e ajetivos por semelhante exemplo: *Glorioso cavaleiro, honesto religioso, mulher mudável, morte incerta.*

Paromeon quer dizer «semelhante princípio». Esta figura se comete quando muitas dições se começam em ũa mesma lêtera, como: *Começando com cousas contrairas à conciência.*

Polipteton quer dizer «multidão de casos», como quando os ajuntamos e são distintos; per semelhante [55] exemplo: *Senhor dos senhores, homem dos homens, amigo dos amigos, parente de parentes.*

Hirmos quer dizer «estendimento», a qual figura se comete quando levamos ũa sentença suspensa com grande arrezoamento de palavras e no fim delas a rematamos; per tal exemplo: *A ti, Senhor, que este mundo de nehũma cousa criaste e o conservas governando em seu ser, com providência eternal peço que Te lembres de mi.*

Polisinteton quer dizer «composição de muitos». Comete-se esta figura quando muitas palavras e cláusulas se ajuntam per conjunção, a este modo: *César e Pompeu e Aníbal foram os principais capitães do mundo e, deles, o primeiro morreu às punhaladas, e o segundo degolado, e o terceiro com poçonha.*

Dialeton quer dizer «dissolução» ou «desatamento», o qual se faz quando muitas partes e cláusulas se ajuntam sem conjunção, como: *Teu coração justo faz tuas palavras seguras dos enganos, que têm aquelas que os maus falam.*

Metáfora quer dizer «transformação». Desta usamos quando, per alguma conveniência ou especialidade que ũa cousa tem, atribuímos a outras, como per um homem sabedor dizemos: *É um Salomão;* e por (*sic*) um liberal: *é um Alexandre;* e por um esforçado: *é um Heitor.*

Metonomia quer dizer «transnominação» e comete-se quando poemos o instrumento pela cousa que com ele se faz ou a matéria polo que se faz dela, como: *Diz bem per pena,* por escreve bem; *César morreu a ferro,* por punhal ou espada, com que o mataram.

Antonomásia quer dizer «postura de nome por nome», quando poemos algum nome comum por outro próprio e isto por algũa excelência que o próprio tem, como se entende por *filósofo* Aristóteles; per *poeta,* acerca dos Latinos, Virgílio e acerca dos Gregos, Homero.

Epíteton[56] quer dizer «postura debaixo do nome». E cometemos esta figura quando com um nome ajectivo queremos louvar ou abater algũa pessoa ou cousa, como: *O liberal Alexandre, o grave Catão, o tredor Judas, o amor sospeitoso, o ganho doce, o mar perigoso, a vida incerta.*

Onomatopeia quer dizer «fingimento de nome». Desta figura usaram os Antigos quando, pera denotar a bombarda, lhe chamaram *trom,* do que faz quando tira e nós dizemos *retinir* das cousas que tinem. Como Virgílio que, para exprimir o som da trombeta, *Taratanra* dixit.

Parêntesis quer dizer «*entreposição*». Desta figura usamos quando, em meio de algũa sentença, se entrepõem outras palavras fora do seu propósito, como *a lei de Cristo,* segundo nossa fé *é a que há-de salvar a todos.*

Hipérbole quer dizer «transcendimento». Esta figura se comete quando, por louvar ou abater algũa cousa, dizemos outra que trespassa a verdade, como: *Dá brados que o ouviram em todo o mundo* e *é tão grande que chega té o céu.*

Alegoria quer dizer «sinificação alheia», a qual tem aqui seis espécias de que esta é a primeira, quando per ũa cousa entendemos outras, como: per *o cordeiro pascoal,* dos Judeus, entendemos *Cristo* [57], *nosso redentor, imolado por* (sic) *nossa redenção.*

Ironia quer dizer «dissimulação». Desta usamos quando per o contrairo se diz o que queremos, ajudando a tenção com os meneios do corpo e ar da fala, como quando se diz ao moço que fez algum erro: — *Tende-lo Senhor muito bem feito, tenho-vo-lo em mercê.*

Antífrase quer dizer «fala contrairo», quando per um nome entendemos outro contrairo a eles, como: ao negro chamamos *João Branco.*

Enigma quer dizer «escura pergunta», da qual usamos quando se diz algũa cousa per escuras palavras e semelhanças, como as adevinha-

ções que jogam os mininos. — *Ainda o pai não é nado, já o filho anda pelo telhado,* que se entende per o fumo primeiro que se o fogo acenda.

Charientismos quer dizer «graciosidade». Desta figura, posto que seja derradeira nesta ordem, em nossos autos deve ser a primeira, porque é responder com graça e benivolência quando nos perguntam: — *Como vos vai?* E nós respondemos: — *A vosso serviço,* em lugar de: — *Bem.*

Muitas outras figuras têm os Latinos, as quais não exemplificamos em nossa linguagem, dado que às vezes usamos delas por evitar prolixidade. Estas que pusemos podem ser exemplo a quem quiser entender as outras.

*

* *

DA ORTOGRAFIA

Esta palavra *Ortografia* é grega; quer dizer «ciência de escrever dereitamente». E dado que no princípio, onde se trata da lêtera, houvéramos de prosseguir na Ortografia, quisemos levar a ordem dos artistas e não dos gramáticos especulativos, porque nossa tenção é fazer algum proveito aos mininos que per esta arte aprenderem, levando-os de leve a grave e de pouco a mais.

Aqui por causa deles trabalharei por ser o mais breve e claro que puder, ca se houvesse de tratar da Ortografia da nossa linguagem, como fez Tortélio da latina, mais era fazer vocabulário que arte.

Nem menos farei a cada lêtera do A. b. c. um livro, como fez Messala, nem tantos exames se temos mais ou menos lêteras, e quais são ociosas, e quais nos falecem, como Quintiliano. Nem alegarei o que disse dela Gélio, Vitorino, Sérvio ou Perisciano, ca seria mais mostrar-me que aproveitar. Quem curiosidades quiser, nestes achará tantas que pode gastar um par de vidas. Assi que leixadas muitas particularidades da gramática latina e outras muitas da nossa, tratarei sòmente do necessário aos principiantes.

DAS LÊTERAS QUE TEMOS E DA SUA DIVISÃO

Como vimos no princípio, serve-se a nossa linguagem destas lêteras em sua ortografia:

á a b c ç d é e f g h I i y l m n ó o p q R r S s t V u x z. ch, lh, nh, que são em figura trinta e três e em poder vinte seis. E onde cada ũa serve diremos ao diante.

Estas vinte seis lêteras se partem em vogais e consoantes.

As vogais são: *á a é e i ó o u.*

Chamam-se estas *lêteras vogais,* porque cada ũa per si, sem ajuntamento de outra, faz perfeita voz e trocadamente, ũas com as outras, fazem estes sete ditongos: *ai, au, ei, eu, ou, oi, ui.*

Chamam-se *ditongos* destas duas dições gregas: *dis,* que quer dizer «dois», e *pthongos,* «som», casi «dobrado som», porque ambas as lêteras retêm o seu som e fazem ũa sílaba.

DAS LÊTERAS CONSOANTES

Todas as outras lêteras, que não são vogais, chamamos *consoantes,* porque com elas são soantes, que esta lêtera *b,* per si só não soa e com esta lêtera vogal *e* dizemos *bê.* E *c* com *e, cê,* e assi de tôdalas outras.

E repartem os Latinos estas consoantes em três partes: *em mudas,* e *meias vogais* e *líquidas.*

As *mudas* são: *b, c, d, f, g, p, q, t.* Chamam-se *mudas* porque, tirando as lêteras vogais com que as nomeamos, ficam sem nomes, ca, se tirarmos ao *b* esta lêtera *e* com que se nomeia e soa *bê,* fica muda.

L, m, n, r, s, x, z chamam-se *meias vogais* por terem antes e depois de si vogal, que as nomeia.

E a esta lêtera *l,* o seu verdadeiro nome é *éle.* E que *x, z* não mostrem em suas prolações, ambas as vogais que digo sempre serão meias vogais, por (*sic*) razão do ofício que tem doutras duas lêteras em cujo lugar elas servem, ca esta lêtera *x* é breviatura destas *cs* e *z,* de, *sd.*

E estas meias vogais *l, m, r* se chamam *líquidas,* e houveram este nome acerca dos Latinos, porque todas as cousas que se desfazem e

correm chamam eles *líquidas*, casi «dilidas» e «derretidas», porque, em pronunciando algũa dição onde elas servem, nós as dilimos na prolação, de maneira que casi se não sentem, como nestas dições: *clamor, cravo.*

E *m* podemos dizer que acerca de nos *liquesce*, quando em lugar dele se pode poer til, como nesta dição: *pães.*

DAS LÊTERAS DOBRADAS QUE USAMOS

Serve-se também a nossa escritura de algũas [58] lêteras dobradas, que têm diferentes figuras, ao modo dos Hebreus, os quais têm vinte e duas lêteras em poder e vinte sete em figura, porque as cinco são dobradas e usam delas em diferentes lugares: ũas lhe servem em o princípio de algũa dição, outras em meio e outras no fim. Assi nós temos trinta e três lêteras em figura e seis em poder, das quais nos servimos ao modo dos Hebreus e são estas: *I, i, y, R, r, S, s, V, u.* E os exemplos onde cada ũa serve trataremos quando falarmos particularmente delas.

DAS LÊTERAS NUMERAIS

Os Hebreus e Gregos servem-se das lêteras do seu A, b, c, pera números de conta a este modo: por *um* põem a primeira lêtera, *a*, e por *dous*, *b*, e por *três*, *c*, e, assi prosseguindo, quando chegam a *onze* tomam a dezena e a primeira.

Nós e os Latinos, dados que pera numerar tomemos algũas lêteras do *A. b. c.*, não guardamos a ordem como ũas precedem as outras em lugar; sòmente está em costume que por esta lêtera *j*, longo, denotamos *um*, e pera *dous* ajuntamos o pequeno ao grande per esta maneira: *ij.*

Três, *quatro* assi o[s] escrevemos: *iij. iiij.*

Quando vem a *cinco* poemos esta lêtera *b*, que é segunda na ordem do nosso *A. b. c.* e isto em a lêtera tirada, que na redonda poemos. *v*, que é a quinta das vogais.

Seis, *sete*, *oito* escrevemos a este modo. *vi. vij. viij.*

O número *nove*, detrás da lêtera *x*, que denota *dez*, poemos um

ponto a esta maneira *ix*, que faz diminuição com o número dez. E quando a ele queremos acrecentar outros números [59] té chegar a dezanove poemos todos diante a este modo: *xi, xij, xiij, xiiij, xv, xvj, xvij, xviij, xix.*

Quando queremos escrever quorenta em lêtra redonda, por estes quatro *XXX* o sinificamos, e na tirada um *R;* e por cinquenta *L*, e por *cento C*, e por *mil j.*

A maneira de numerar per cifras, dado que também sejam algũas delas do nosso A, b, c, mais pertence a arisméticos que a gramáticos.

O que disse baste pera exemplificar os nossos números.

REGRAS DA ORTOGRAFIA

A primeira e principal regra da nossa ortografia é escrever tôdalas dições com tantas lêteras com quantas as pronunciamos, sem poer consoantes ociosas, como vemos na escritura italiana e francesa. E dado que a dição seja latina, como a derivamos a nós, e perder sua pureza, logo a devemos escrever ao nosso modo; por semelhante exemplo: *orthographia;* é vocábulo grego e os Latinos o escrevem desta maneira atrás e nós o devemos escrever com estas lêteras: *ortografia,* [60] porque com elas o pronunciamos.

Segunda regra: nenhũa dição ou sílaba podemos escrever acabada em muda, ainda que sejam hebreas ou bárbaras, como *Jacob*, *Joseph*, porque todas as nossas dições e sílabas se terminam nestas semi-vogais: *l, m, n, r, s, z,* e assi se podem terminar em tôladas peregrinas dições em a nossa linguagem.

Terceira regra: nenhũa dição podemos escrever com lêtera dobrada, senão com semi-vogais: *l, m, n, r, s,* porque nos havemos de conformar com as sílabas que temos, como se pode ver na introdução, per onde os mininos podem aprender a ler. E estas tais lêteras dobradas serviram em meio da dição e não em o princípio ou fim dela, como agora fazem muitos que querem fazer lêtera a seu ver fermosa, sem curar da ortografia, como quem a não sente.

Quarta regra: toda dição que se escrever com lêtera dobrada, a primeira das lêteras será da precedente sílaba e a segunda da seguinte, como nesta dição: *nosso,* que a primeira sílaba é *nos-* e a segunda *-so.*

E assim: *amasse, elle, guerra.*

Quinta regra: todo o nome que no singular acaba em algũa sílaba destas: *am, em, im, om, um,* no plural (como vimos nas formações deles), em lugar de *m,* se porá til, o qual liquesce na prolação do nome, como destas dições: *pães, homẽes, ceitĩis, bõos, atũus.*

REGRAS PARTICULARES DE CADA LÊTERA

Propostas estas regras gerais, trataremos em particular de cada ũa das lêteras e dos acidentes que têm, e primeiramente das vogais por serem princesas das outras.

Os Latinos, de quem as nós recebemos, têm sòmente estas cinco *a, e, i, o, u.*

Nós (como já vimos) temos oito. s, *a* grande, *a* pequeno, *e* grande, *e* pequeno, *i* comum, *o* grande, *o* pequeno, *u* comum. E a este modo, os Gregos e os Caldeus têm lêteras vogais grandes e pequenas, de que usam em sua escritura.

Nós té ora em a nossa não usamos desta deferença de figuras, que chamamos *grandes.* E dado que a sintamos na prolação da voz, com as latinas dobradas a este modo, *aa, ee, oo,* suprimos[25] o lugar onde servem, como nestas dições: *maas, pees, poos,* as quais devemos escrever a este modo: *mas, pés, pós.* E esta maneira de dobrar duas lêteras fazem às vezes os Latinos como nestas dições; *Virgilij, inchoo, cooperio, fuus, aneé,* mas cada vogal faz ũa sílaba acerca deles, e nós queremos que ambas as vogais façam ũa só sílaba, o que não pode ser, pois não são ditongos. E bem sei que por ser novidade e o uso estar em contrairo, será cousa trabalhosa serem logo estas novas figuras recebidas em nossa ortografia, mas o tempo as fará tão próprias como são as outras de que usamos.

E parece cousa mui justa tratarmos delas, pois a perfeição da nossa gramática consiste em conhecermos e usarmos das lêteras que temos e quais são grandes e pequenas, pois de todas usamos se não em figura, ao menos na prolação, como podemos ver nos exemplos que particularmente damos a cada ũa.

A

A, que é nossa primeira lêtera do *A. b. c.,* tem duas figuras: ũa deste *a,* que chamamos grande e outra do pequeno. Ambos servem em composição de dições e cada um tem seu ofício, em que o outro não entende, porque não escrevendo as dições onde cada um serve, ficariam anfibológicas e duvidosas, dado que o modo da construição as mais vezes nos ensine tirar esta anfibologia, como nestas e noutras dições: *más* e *mas.*

O primeiro tem quatro ofícios: serve, por si só, de preposição, por semelhante exemplo: *quando vou à escola, vou de boa vontade.* E serve de verbo na terceira pessoa do número singular deste verbo *hei, hás,* como quando dizemos: *á* (=há) *tanto tempo que vos não vi, que já vos estranhava.* E serve de interjeição per este exemplo: *à má cousa, porque fazes isso?* E quando serve no quarto ofício em composição com as outras lêteras e por os exemplos acima ditos, e quer a sua prolação com hiato da boca.

A pequeno tem três ofícios: serve, per si só, de artigo feminino e de relativo do mesmo género e em composição das outras lêteras. De artigo como: *a matéria bem feita apraz ao mestre.* Serve de relativo, per semelhante exemplo: *essa tua palmatória se a eu tomar, far-te-ei lembrar esta regra,* e então tem necessidade daquele espírito (*sic*) que lhe vês em cima[61] pera diferença dos outros ofícios. Em composição: *o temor de Deus faz boa conciência.*

é

É grande tem dous ofícios: serve per si de verbo na terceira pessoa do número[62] singular do verbo *sou, és, é,* e dizemos: *esta arte é emprimida em Lisboa*[46]. E serve em composição de dições: *A nossa fé nos há-de salvar.*

E

E pequeno tem outros dous ofícios; serve per si só de conjunção em voz; per semelhante exemplo: *tu e eu e os amigos da pátria louvamos a nossa linguagem.* E quando serve em composição de dições dizemos: *António lê.*

Segundo vimos, temos três *ijs* destas figuras; *j* longo, *i* comum, *y* grego, e todos têm ũa voz, dado que cada um tenha seu lugar na escritura.

I

I longo servirá em tôdalas dições que começarem nele, ao qual se segue vogal como: *Iaço, Iantar, Iejũar, Ioane, Iustiça*, etc. E a vogal onde ele fere se pode chamar *ferida* e então serve de consoante.

I pequeno serve em tôdalas dições, amparado de ũa parte e doutra com lêtera consoante, tirando algũas sílabas que se querem remissas, não feridas, onde serve *y* grego, como veremos em seus exemplos. Tem mais este *i* outro ofício: serve de verbo no modo imperativo, como quando dizemos, *i, vós lá; i vós diante*, o que também os Latinos usaram.

Y

Y grego tem dous ofícios: serve no meio das dições, às vezes, como: *mayor, veyo.* E serve no fim das dições sempre, como *pay, ay, tomay*, etc.

Ó

Este *ó* grande tem dous ofícios: serve per si de interjeição pera chamar, como: *ó piadoso Deus, lembrai-vos de nós.*

E serve em composição das outras lêteras, como em estes nomes: *mo, enxo, sola, mostra*, etc.; e em pronomes: *nós, vós, nosso, vosso;* e verbos; *folgo, posso;* e isto em alguns tempos, ca dizemos *pode* que é presente e *pôde* que é pretérito.

O

O pequeno, ainda que perdeu a posse de dous ofícios que serve o *ó* grande, ficaram-lhe três: serve, per si só, de artigo masculino, como: *o artigo é denotação da força do nome.* E serve de relativo masculino per semelhante exemplo: *este livro sempre andará limpo se o guardarem bem.* E serve em composição das dições.

E pera sabermos qual é o artigo e qual o relativo, dado que a ordem da construição o demostre, sempre acharemos o artigo detrás do nome

que ele rege e o relativo antre todas as partes, porque não tem certo lugar; e também o podemos denotar, com este espírito em cima, a este modo: *ô*, que não tem o artigo.

V

Como vimos, temos dous *uus:* um desta figura *v*, e outro assi, *u*. Peró o primeiro não serve de vogal, mas de consoante, em tôdalas dições que começam nele, per ser ũa das lêteras dobradas que temos, que servem no princípio, como nestas dições: *ventage, veio, vimos, vontade, vulto.* E assi serve per dentro das dições ao modo do *i* pequeno, mas, por causa da boa composição das lêteras *o, u* pequeno, lhe toma às vezes o ofício de ferir nas outras vogais.

O segundo *u* serve na composição das dições e antigamente servia per si de avérbio local, onde quando se dizia: *u vás? u móras?* do qual já não usamos.

DAS LÊTERAS CONSOANTES

Pois vimos das principais lêteras do nosso *A, b, c*, que são as vogais, vejamos das consoantes.

B

Esta segunda lêtera *B*, acerca de nós e dos Latinos, não tem mais acidentes que querer antes de si *m*, como nestas dições: *ambos, embolas, embigo, tombo.*

C

Tem duas figuras: a primeira de cima e esta seguinte: *ç*.

Quintiliano, porque os Latinos não têm esta figura, tratou do primeiro, dizendo que com ele podíamos suprir[63] o ofício de *k* e *q*.

Nós, por fugir [64] novidades, conformemo-nos com o uso e no mais me remeto a ele, onde fala das lêteras.

Quanto ao uso que temos deles em a nossa ortografia, este primeiro *c* ajunta-se sòmente a estas três vogais; *ca, co, cu.* E o segundo a todas, a este modo: *ça, çe, çi, ço, çu,* com que as sílabas ficam ceceadas, da maneira dos Ciganos.

Nos parece que houvemos estas lêteras dos mouriscos que vencemos.

D F P T X Z

Estas seis lêteras não têm tantos trabalhos nem mudanças em servir seus ofícios, como vemos que têm as outras. Servem-nos comummente em tôdalas dições, como povo nos trabalhos da república, ao qual as podemos comparar e por isso as atamos em molho, sem guardar a ordem que têm, nem fazermos delas muita menção.

G

G tem diferenças em seu serviço quando se ajunta às vogais, porque não pronunciamos *ga, go, gu,* como *ge, gi,* ca estes têm a prolação de *ie, ij.*

E pera ajuntarmos à lêtera *g* estas duas vogais: *e, i* com que faça a prolação de *ga, go, gu,* é necessária esta lêtera *u,* a este modo: *guerra, Guilherme,* porque, como os Latinos não podem dizer *che, chi,* senão mediante esta lêtera *h,* assi nós não podemos dizer *que, qui,* senão mediante *u.*

E porque muitos confundem a ortografia nestas duas sílabas *ge, gi,* escrevendo *ie, ij,* e tomam ũas por outras, devemo-nos conformar pera boa ortografia com as dições latinas, porque casi tôdolos os nomes próprios se escrevem com *I* e as outras partes com *g: Ierusalém, Ierimias, Ierónimo, Ieroboão.*

E com g: *gente, geada, genro, ginete, etc.*

H

Esta figura *h,* os Latinos não lhe chamam lêtera, mas aspiração, por servir em tôdalas as sílabas aspiradas, o qual ofício tem acerca de nós,

como nestas dições: *há,* que é interjeição de rir, e *há áh!* que é de compreender em algum erro e de conceder que está ũa cousa bem feita. E assi nestes e em outros nomes: *herdade, homem, humanidade.*

Tem outro ofício acerca de nós, que com cada ũa das três lêteras vogais faz três sílabas, que são próprias da nossa linguagem, a este modo: *cha, lha, nha.*

L

L tem ũa só deferença, que às vezes se quer dobrado quando está posto entre duas vogais, como nesta parte; *elle,* e outras dições que tomamos dos Latinos.

Esta dição *tôdolos,* muitos presentes a escrevem com *ll,* dobrado, como quem não sente a composição das partes de que se compõe, que é composta destas duas: *todos, os.* E por tirar aquele concurso de sílabas, per ũa figura que os Latinos chamam Epêntesis, tiramos o *s* de *todos,* e em seu lugar poemos *l* singelo, com o qual arrebatamos aquele artigo *os,* e dizemos *tôdolos.*

E esta regra devemos ter em tôdalas partes onde o *l* arrebata algum artigo, a qual figura é mui usada de nós nas dições, que se acabam em algũa destas duas lêteras, *r, s,* porque fazemos a linguagem mais corrente.

M

M tem menos trabalho que as outras lêteras, porque tôdalas sílabas cuja lêtera ele é final, serve em seus lugar til, a que podemos chamar suprimento[65] dele e do *n,* como nestas dições: *mandar, razám.* E da maneira que fica líquido quando levamos ao plurar as dições que acabam nele. Nas formações do nome o vimos.

E em algũas dições onde ele é final e que diante si tem lêtera vogal, nunca o poremos senão *til,* por não fazer a parte anfibológica, como *cõ estas,* e não *com estas,* ca parece que diz *comestas.*[66] Em algũas dições se quer dobrado, como: *grammática, immortal.* Porque tem esta natureza, ante de si não consente *n,* como *p* e *b,* que é regra dos Latinos.

N

Esta lêtera *N* acerca de nós serve no princípio e fim da sílaba e nunca em fim de dição, porque não temos parte que se acabe nele, como, pelo contrairo, os Castelhanos em *m*, no que fomos mais conformes aos Latinos. E muitas vezes o til o escusa do seu trabalho, quando é final da sílaba, como faz ao *m*.

Tem mais que às vezes se quer dobrado em algũas dições, que recebemos dos Latinos, como *anno*.

Q

Esta lêtera *Q*, pelo nome que tem e assi pela pouca necessidade que há dela (como vimos atrás , na lêtera *c*), a nós convinha mais que a outra nação desterrá-la da nossa ortografia e em seu lugar empregar esta lêtera *c*. Mas já disse quão receoso sou de novidades, dado que as proveitosas tenham muita força pera serem recebidas. Como creo que se faria a esta lêtera *c*, se fizesse profissão de ano[67] e dia, pois esta *q* tem tão perversa natureza além do mau nome, que se não ajunta às lêteras vogais, se não mediante esta, *u*, que lhe é semelhável. Ou são elas tão limpas que se não querem ajuntar a ele, ca não dissemos *qa, qe, qi* e dizemos *qua, que, qui*. E assim fica aquela lêtera *u* sempre líquida sem força, principalmente acerca de nós, nesta dições *que, qui*, ca assi as sintimos como os Latinos e dizemos: *qual, quão, quanto*, e não *cal, cão, canto*, por terem outros sinificados.

Estoutras sílabas *quo, quu*, não as há em nossa línguagem, ca dizemos *como, cume* e não *quomo, qume*.

Estas duas sílabas *que, qui* são acerca de nós mui celebradas, porque nesta parte desfaleceu o uso do *c*.

Assi que pudemos tirar daqui esta regra? *Qua* usaremos às vezes, *que, qui*, sempre; *quo, quu*, nunca.

R

Segundo vimos na divisão das lêteras, *R* é ũa das que têm duas figuras na lêtera redonda.s. um singelo, que tem a voz leve e branda,

a que chamamos *ere*[68] e outro dobrado, que rompe a voz com ímpeto, que se chama *érre*. O primeiro serve no meio das dições, às vezes, em figura e em voz e no fim sempre. No princípio serve de figura, mas não em voz, por ser brando, como nestas dições: *razão, recado*, etc.

O segundo serve sempre no meio, quando a sílaba é ríspida e forte, como *carreta*, que é diferente de *careta*. E no princípio serve sempre sua voz, porque tôdalas primeiras sílabas das dições cuja primeira lêtera é *r*; esta tal será forte e não branda.

S

S. Tem duas figuras: esta que serve sempre no princípio e no meio muitas vezes, e estoutro *s* sempre no fim, e assi outros pequenos que não têm haste comprida. O primeiro em algũas dições o dobramos ao modo dos Latinos, principalmente em o presente de tôdolos verbos do modo pera desejar, como: *amasse, lesse, ouvisse, fosse*. E pola maior parte os que ante si e depois de si têm lêtera vogal será dobrado, quanto for toda ũa dição, como: *assi, esse, nossa*.

*

Até aqui tratámos particularmente de cada ũa das nossas lêteras. Fica agora vermos do *til*, a que podemos chamar *suprimento*[85] ou *abreviatura* de quatro lêteras, *m, n*, pela maneira que já vimos, quando tratámos de ambos, e abreviatura de *-ue*, a este modo, q̃, que tanto sinifica como este *que*. E assi este til, como outras vergas e pontos que tem a nossa escritura, principalmente os de lêtera tirada, que mais se podem chamar *atalhos* dos escrivães, por não gastarem tempo e papel, que outra algũa necessidade. E porque não guardam lei nem regras, não trataremos delas e isto baste quanto à ortografia particular de cada ũa das lêteras. E em geral veamos dalgũas regras que devemos ter nas cláusulas e períodos da oração e do apontar dela.

DOS PONTOS

E DISTINÇÕES DA ORAÇÃO

Ũa das cousas principais da ortografia, pela qual entendemos a escritura, é o apontar das partes e cláusulas e em que os Latinos mostraram muita diligência.

Esta não temos nós, principalmente na lêtera tirada, sendo cousa que importa muito, porque às vezes fica a oração anfibológica sem eles, donde nacem dúvidas. E por a nossa gramática nesta parte não ficar escassa, diremos dos pontos que podemos usar, se quisermos doutamente escrever.

Os Latinos têm estes pontos e finais com que destinguem as partes e cláusulas da oração: *coma, colo, verga, parêntesis, interrogação.*

Coma é vocábulo grego a que podemos chamar «cortadura», porque ali se corta a cláusula em duas partes. Estas duas partes, se cortam em vírgulas, que são ũas distinções das partes da cláusula.

Colo é o termo ou marco em que se acaba a cláusula. As figuras de cada ponto destes são as seguintes dous: a este modo se chamam *coma;* este só se chama *colo.*

As *vergas* são estas zeburas ao modo dos Gregos. Na coma parece que descansa a voz, mas não fica o intendimento satisfeito, porque deseja a outra parte, com que a oração fica perfeita e rematada com este ponto *colo.*

Estão antre as cortaduras que são estes dous pontos uma zeburas assi, a que chamamos distinções das partes da cláusula.

Este só ponto, como já disse, se chama *colo.*

As palavras que jazem antre dois colos se chamam *cláusula,* ao nosso modo e, segundo os Gregos, *período,* a que os Latinos chamam termo.

Os dois arcos que fazem estas palavras, como já disse, usam os Latinos quando cometem ũa figura a que chamam *Entreposição* e os Gregos *Parêntesis,* da qual tratámos na construição.

Quando perguntamos algũa cousa dizendo: *Quem foi o primeiro que achou o uso das lêteras?*

Estes dous pontos assi escritos onde a pregunta acaba, podemos chamar *interrogativos,* por serem sinal que interrogamos e preguntamos algũa cousa. E dado que o intendimento pela maior parte, quando vamos lendo qualquer escritura, ele vai fazendo os pontos que se requerem sem os ter, muitas vezes os mesmos pontos lhe fazem sentir a verdade dela, como se pode ver nesta dição anfibológica: *Ler as obras de Lutero: nunca obedecer ao papa, é o mais seguro pera a salvação.*

Como julgaremos estas palavras não serem heréticas?

Com os pontos, porque a parte nunca tem força neste entendimento e onde se acosta, ali cai. Aqui destrui [53] a precedente e não a sequente, ca dizemos: *Ler as obras de Lutero nunca: obedecer* ao *papa, é o mais seguro pera a salvação.*

Estas orações anfibológicas usavam muito os oráculos dos Gentios, ca per elas os enganavam, como se conta da reposta que houve Pirro do oráculo de Apolo, que os gramáticos trazem mui comum: *Aio te AEacida Romanos vincere posse.*

Da qual resposta Pirro ficou enganado, porque entendeu que havia de vencer os Romanos e ele ficou vencido deles, por a resposta ser anfibológica.

ANOTAÇÕES

As palavras em *itálico* e sem qualquer comentário reproduzem grafias especiais e lapsos do texto original.

1. — Refere-se à *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreia e cõ os mistérios da missa, e responsoreos della, empremida em a muy nóbre e sempre leál cidáde de Lizboa. per autoridáde da Santa Inquisiçam em cása de Luis Rodriguez liureiro delrey Nósso Senhor, com priuilégio real aos. XX. de Dezembro de 1539 annos.*

A esta obra se refere António J. Anselmo em *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, p. 294, N.º 1005.

Pela notícia desta última obra, se verifica que o seu autor também não conseguiu ver qualquer exemplar da de João de Barros a que se faz referência.

2. — Trata-se do príncipe D. Filipe, filho de D. João III. Nasceu em 1533 e faleceu em 1539.

3. — *quarto.*
4. — *uintatres*
5. — *pées.*
6. — *homẽes ... tem hũu.*
7. — *lembraça*
8. — *anteçedete.*
9. — *duos.*
10. — *Fernandez.*
11. — *Nunez.*
12. — *dontrina.*
13. — *oulhei.*
14. — *insina.*

15. — *'çenteo.*

16. — *encorrerá.*

17. — *mantéés.*

18. — *seitimo.*

19. — Apesar de João de Barros se declarar neste passo «o primeiro que pos a nossa linguagem», o certo é que a *Gramática* de Fernando Oliveira se publicara em 1536. (Vj. p. X).

20. — *cetiĩis.*

21. — *põem.*

22. — Como se verifica, neste capítulo sobre o Pronome e seus acidentes aparece a identificação do autor desta obra. O caso tem importância, pois nem o frontispício, nem qualquer outro passo nos esclarece sobre tal assunto.

23. — *hómeẽs.*

24. — *soposto.*

25. — *soprimos.*

26. — *compõe.*

27. — Trata-se, evidentemente, de tempo composto do verbo *ler*, pelo que, para cada pessoa, temos de juntar os particípios *amado, lido, ouvido, sido,* que, por lapso, não figuram no texto.

28. — *d aiuntar.*

29. — *preteterito.*

30. — *iaco.*

31. — *regas.*

32. — *noz.*

33. — *concluyo*

34. — *diminuye.*

35. — *destruye*

36. — *compõem.*

37. — *acodar.*

38. — *difincã.*

39. — *ntõ.*

40. — *souver.*

41. — *doulhar.*

42. — *oucioso.*

43. — *homẽes.*

44. — *Appositio.*

45. — *Europia.*

46. — *Lixboa.*

47. — *Synecdoche.*

48. — *Cacophaton.*

49. — *Oulhou.*

50. — *oulhar.*

51. — *ueo.*

52. — *redeo,* se bem que antes se escrevesse *rodeo.*

53. — *Tantologia.*

54. — *oulhardes.*

55. — *semenhante.*

56. — *Epytheton.*

57. — *Ghristo.*

58. — *dalgũas*

59. — *nũeros, nũeros.*

60. — *orthografia.*

61. — *encima.*

62. — *nuumero.*

63. — *soprir.*

64. — *fogir.*

65. — *soprimento.*

66. — *Comesto* era o antigo particípio do verbo *comer.*

67. — *dano.*

68. — *ére.*

Comp. e imp. na Sociedade Astória, Lda. — Reg. dos Anjos, 68-70 — Lisboa